

Defendeu colocar o povo no Orçamento

Lula: “É inaceitável

que crianças acordem

sem ter o que comer”

Para ele, a “regra de ouro” será crescimento e novo combate à fome

“qual é a regra de ouro deste país? É garantir que nenhuma criança vá dormir sem tomar um copo de leite e acorde sem ter um pão com manteiga para comer todo dia. Essa é a nossa regra de ouro”, afirmou o presidente eleito, Luis Inácio Lula da Silva, em

discurso no CCBB de Brasília, em que defendeu a retomada do crescimento econômico. Lula defendeu que o povo pobre seja colocado no Orçamento. Dados oficiais do Ministério da Saúde registraram, apenas em setembro, 977 mil casos de desnutrição em crianças e adolescentes. **Página 3**



Lula chorou ao falar sobre a volta da fome, durante discurso no Centro Cultural do Banco do Brasil, no DF

HORA DO POVO

ANO XXXII - Nº 3.882 16 a 22 de Novembro de 2022

Reprodução mídias sociais



‘Bolsonarista família’ pega 50 anos de prisão por assassinar próprio marido

A ex-deputada Flordelis (na foto, na posse de Bolsonaro) foi condenada a 50 anos e 28 dias por homicídio triplamente qualificado, tentativa de homicídio duplamente qualificado, uso de documento falso e associação criminosa armada. Ela envolveu no assassinato do marido, o pastor Anderson, em junho de 2019, também a filha biológica, Simone dos Santos Rodrigues, condenada a 31 anos e 4 meses. **Página 4**

I

REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Preço dos alimentos é quase o dobro da inflação: 11,21%

Fernando Frazão - ABr

A photograph of Gal Costa singing into a microphone, with her hand raised in the air. The background is dark with some red stage lights.

Gal Costa, a voz que cantou com maestria para várias gerações

O mundo, não apenas o Brasil, perdeu um pouco de sua alegria com a morte de Gal Costa. A voz, que num país de esplêndidas cantoras é classificada como uma das mais belas, que cantou com maestria para gerações e gerações os rebeldes e inspirados versos da Tropicália, os puros cantos da Bahia, todas as bossas-novas, deliciosas ingenuidades da Jovem Guarda, antigas canções, os protestos, a densa poesia, negros lamentos... o melhor da Música Popular Brasileira. Ao longo dos seus 57 anos de carreira, Gal Costa deu sua voz afinadíssima e de inigualável profundidade a praticamente todos os compositores que fizeram o que poderia ser classificado como a 2ª Era de Ouro da música brasileira. **P 4**

Em um ano, a inflação dos alimentos acumula alta de 11,21% até outubro, com pelo menos 87 dos 180 produtos alimentícios pesquisados pelo IBGE acima dos 10%, superior ao índice geral da inflação (IPCA), que no período acumula alta de 6,47%. Entre as maiores altas, produtos básicos como café (31,93%), banana (56,75%), leite (30,5%) e farinha de trigo (35,4%). **P 2**

‘Guerra cultural’ de Trump azeda e os democratas mantêm Senado

Com a inestimável colaboração de Donald Trump, que escolheu para candidatos um alentado time de negacionistas e repetidores de seus delírios sobre fraude nas eleições, os democratas viram seu maior temor se desvanecer na sexta-feira (11). **Página 7**

Brasil dá início aos treinos para a Copa do Catar

Na tarde da segunda-feira (14), em Turim, na Itália, foi dada a largada na preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo do Catar. O técnico Tite comandou o primeiro treino para o grupo no CT da Juventus. **Página 4**



Foto: Agência Petrobrás

“A Petrobrás não será fatiada e o BB não será privatizado”, afirma Lula

Presidente eleito condenou antecipação de dividendos e “nada para investimentos”

Na quinta-feira, o presidente eleito Lula, ao discursar no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), onde se reúne a equipe de transição de governo, afirmou que no seu governo a Petrobrás não será fatiada e que o Banco do Brasil não será privatizado.

“Quero dizer para vocês que as empresas públicas brasileiras serão respeitadas. A Petrobrás não vai ser fatiada, quero dizer que o Banco do Brasil não vai ser privatizado, assim como a Caixa Econômica e o BNDES, o BNB e o Basa voltarão ser bancos de investimento, inclusive para pequenos e médios empreendedores”, declarou.

Lula criticou o pagamento antecipado de dividendos da Petrobrás. “Só nesse governo foram pagos mais de R\$ 150 bilhões em dividendos aos acionistas da Petrobrás e nada para investimentos. E essa semana inventaram a distribuição de mais R\$ 50 bilhões de um possível lucro futuro! Qual é a ideia? Esvaziar o caixa da Petrobrás para que a gente não possa fazer nada, e vocês sabem que esse país hoje não consegue refinar a quantidade de gasolina que ele precisa”, declarou. “Já fomos exportador de gasolina e agora importamos”, disse, lembrando a quantidade de empresas que surgiram no país para importar combustível dos EUA, pagando o preço em dólar.

O governo Bolsonaro acelerou o desmonte da Petrobrás, com a venda da BR Distribuidora, Liquigás, campos de petróleo, terminais, gasodutos, refinarias e paralisou obras da estatal, como a Comperj e a fábrica de fertilizantes.

BNDES

Lula lembrou, também, o desmonte do BNDES. “E agora vão pegar mais bilhões do BNDES, agora, antes da nossa posse, para que também deixe o BNDES vazio para que a gente não tenha capacidade de investimento”, denunciou.

Na terça-feira (8), o ministro da Economia de Bolsonaro, Paulo Guedes, assinou o repasse antecipado de R\$ 45 bilhões de valores do aporte feito ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) pelo Tesouro Nacional. Os recursos tirados de investimentos serão destinados ao pagamento de juros da dívida pública, recursos transferidos a bancos e rentistas.

Durante o discurso, Lula questionou por que o Brasil tem meta de inflação, mas não tem meta de crescimento. “Somente o Estado é que pode tomar as decisões que podem garantir estabilidade política, estabilidade econômica, estabilidade jurídica e estabilidade social”, declarou.

Carestia: preços de alimentos aumentam 11,21% em outubro



Foto Tânia Régio/Agência Brasil

Resultado do IPCA de outubro encerra uma sequência de três meses de “deflação fake” de Bolsonaro durante a campanha eleitoral. No ano, os alimentos mantiveram seus preços acima da inflação oficial em mais de 10% por meses seguidos, penalizando as famílias de menor renda

Só existe estabilidade com crescimento econômico e o fim da pobreza

Lula tem razão quando diz que “esse país só tem um jeito de se governar: ele tem que voltar a crescer”

A fala de Lula na quinta-feira (10), em Brasília, sobre a necessidade de o país voltar a crescer e criar empregos suscitou uma reação “nervosa” do setor financeiro. É importante destacar que este é o único setor do país que está ganhando muito com a atual crise vivida pelos brasileiros. Só para se ter uma ideia, enquanto a produção nacional patina, os três maiores bancos privados do Brasil obtiveram R\$ 16 bilhões de lucro só no terceiro trimestre deste ano.

CRESCIMENTO ELEVA ARRECADAÇÃO

Esse lucro dos bancos não vem de estímulos à produção ou ao consumo. Não vem do financiamento de novas plantas industriais. Ele vem basicamente da compra de títulos do governo que, por sua vez, paga o maior juro do mundo. A estagnação da produção, resultado desta política, reduz a dinâmica da economia, deprecia os salários, mantém altas as taxas de desemprego, restringe o mercado interno e provoca queda da arrecadação. O resultado não podia ser outro: agravamento da crise e mais desequilíbrio fiscal.

Ao contrário do que apregoa o mercado financeiro ao reagir ao discurso de Lula, a verdadeira estabilidade só pode ser obtida com o crescimento econômico. É o aumento da arrecadação advindo do crescimento econômico que garante o desenvolvimento e a harmonia. Mesmo quando é necessário elevar o endividamento, como defende o próprio Lula, isso serve de impulso ao crescimento do país. Principalmente, quando os ativos criados com esse endividamento dão retorno para a sociedade. E, investir na população, diz Lula, é investir no principal “ativo” de qualquer nação.

Aliás, foi também o próprio presidente eleito quem demonstrou que esse é o caminho a ser seguido. Fez isso em seus governos anteriores. Os grandes investimentos realizados por ele durante a execução do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) desenvolveram o país e equilibraram as contas públicas. O PIB cresceu, a arrecadação aumentou e a relação dívida/PIB caiu. Lula está certo quando diz que “esse país só tem um jeito de se governar: ele tem que crescer”.

VERDE É A ÁRVORE DA VIDA

O presidente eleito lembrou diversas vezes durante a campanha ter assumido o governo em 2003 com o país quebrado e com um grande rombo nas contas públicas, provocado pelos fiscalistas de plantão daquela época. “A inflação estava em 12%. A dívida estava em 67% do PIB. Fizemos investimentos, aumentamos os salários



Foto: Agência Brasil

e crescemos a 4% ao ano em média. O resultado foi que a inflação caiu, o desemprego também, e eu deixei a dívida em 37% do PIB”, afirmou Lula. Ou seja, ele provou que as teorias são cinzas e que verde mesmo é a árvore da vida.

Algo que não se pode negar é que a prática é o critério da verdade. E ela mostra que quem praticou arrocho fiscal quebrou o país, aumentou a dívida e manteve o país estagnado ou em recessão. Quem, como Lula, inverteu essa lógica, fez o país crescer, melhorou a vida do povo e não provocou nenhuma crise fiscal. O que a vida mostra é que não se atinge estabilidade com arrocho fiscal e cortes de gastos. O que se obtém com essa política é mais recessão, mais desemprego, mais queda de arrecadação, mais endividamento e mais desequilíbrio das contas.

É assim que pensa também o professor de economia da Unicamp Pedro Rossi, ao comentar a reação do mercado à fala de Lula. “O mercado coloca o equilíbrio fiscal como finalidade da política econômica e deixa a questão social como uma variável para ajustes. Para ele, Lula está invertendo essa lógica. “O mercado vai se adaptar ao Lula, não o contrário. A finalidade da política fiscal é garantir o bem-estar da população; o equilíbrio fiscal é uma peça importante, mas não a finalidade do processo”, afirmou.

“NEOLIBERALISMO É UMA IDEIA PRIMITIVA”

O professor André Lara Resende, um dos fundadores do Plano Real, também rebate essa ideia fixa do arrocho fiscal a qualquer custo. “Quando se faz a defesa de uma política radical neoliberal, e me parece primitiva, e que procura atar a mão do Estado e defender que o único objetivo da boa política econômica é equilibrar as contas públicas, em qualquer circunstância e a qualquer preço, a crítica passa a ser que você está defendendo uma irresponsabilidade, uma ideia de que não existem limites para o Estado, para o que o Estado pode fazer, o que é rigorosamente falso”, afirmou Lara Resende.

“O Estado deve ser competente e responsável. O que está errado é definir responsabilidade fiscal simplesmente como equilíbrio orçamentário em qualquer circunstância

e a qualquer custo”, frisou Resende. “Não existe um limite ao qual a economia se desorganiza. O que não pode é a relação dívida pública/PIB crescer permanentemente, em trajetória explosiva”, defende o economista. “O que é preciso é garantir que o crescimento do PIB, do denominador, acompanhe, no mínimo, a taxa de crescimento do numerador. Se a dívida cresce muito mais que o crescimento do país há alguma coisa errada”, prossegue o “pai do Real”.

Para o economista, “o gasto público é fundamental”. “O gasto de investimento do Estado tem de ter retorno em termos de produtividade, o que garantirá a convergência da relação dívida/PIB. Se o investimento tiver retorno superior ao custo da dívida pública, por definição, você vai ter convergência na relação entre PIB e dívida pública, mesmo que, num primeiro momento ela aumente, ao expandir o crédito para investimento na capacidade instalada da economia”.

FIM DO TETO DE GASTOS

Resende também se somou a Lula quando afirmou que “o teto dos gastos é um equívoco, um limite linear que estrangulou o investimento público”. “É preciso revê-lo, no mínimo, tirar investimento do teto dos gastos”, defendeu. “Tem que excluir os investimentos de qualidade do teto de gastos. É uma camisa de força que estrangula os investimentos e agrava o problema de convergência da relação da dívida/PIB”, acrescentou Resende.

Tomando como referência um outro fato histórico, também vivido na prática, de enfrentamento exitoso de governantes contra a “ditadura fiscalista”, lembramos dois grandes presidentes que conseguiram se libertar da ditadura parasitária do capital financeiro. Foram eles Franklin Delano Roosevelt, presidente dos EUA, e Getúlio Vargas, no Brasil. Os dois derrubaram de forma exitosa a camisa de força fiscal, principal instrumento de anulação do Estado e de controle das finanças públicas pelos monopólios financeiros. O primeiro tirou os EUA da “grande depressão” e abriu o terreno para a “Era de ouro” e o segundo deu um grande salto à frente, tornando o Brasil uma grande nação industrializada e moderna. É por aí que devemos seguir.

SÉRGIO CRUZ

No acumulado de 12 meses, inflação dos alimentos é quase o dobro do IPCA (6,47%). Entre os itens que mais subiram estão produtos básicos, como o café (31,93%), a banana (56,75%), o leite longa vida (30,5%) e a farinha de trigo (35,4%)

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de outubro foi de 0,59%, influenciado pelos aumentos no grupo Alimentos e Bebidas e Transportes, segundo divulgou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na quinta-feira (10).

O resultado da inflação oficial encerra uma sequência de três meses de “deflação fake” de Bolsonaro durante a campanha eleitoral para tentar se eleger: em julho, agosto e setembro, as variações haviam sido de -0,68%, -0,36% e -0,29%, respectivamente. No ano, o IPCA acumula alta de 4,70% e, nos últimos 12 meses, de 6,47%.

Em um ano, a inflação dos alimentos acumula alta de 11,21% até outubro, com pelo menos 87 dos 180 produtos alimentícios pesquisados pelo IBGE acima dos 10%, superior ao índice geral da inflação (IPCA), que no período acumula alta de 6,47%.

De acordo com o IBGE, a inflação dos alimentos é ainda maior, associada ao preparo do dia a dia da casa. Nos últimos 12 meses, a inflação da alimentação do domicílio chega a 12,7%.

Em outubro, o grupo Alimentação e Bebidas registrou alta de 0,72%, puxado pela carestia da alimentação do lar (0,80%). Pesou no bolso dos consumidores os custos da batata-inglesa (alta de 23,36%), do tomate (17,63%), da cebola (9,31%) e das frutas (3,56%).

Já entre os campeões da inflação dos alimentos, no intervalo de 12 meses, estão: Cebola (151,76%), Limão (92,04%), Mamão (64,06%), Banana-d’água (56,75%), Maça (41,49%), Melão (38,34%), Alimento infantil (37,12%), Pepino (36,93%), Inhame (36,11%), Farinha de trigo (35,4%), Maracujá (35,3%), Leite condensado (32,62%), Café moído (31,93%), Maionese (30,64%), Leite longa vida (30,5%), Morango (30,06%) Tangerina (29,77%), Manga (29,49%) e Macarrão instantâneo (29,33%).

O drama da carestia dos alimentos não dá sossego aos

trabalhadores e às famílias de mais baixa renda. Há pelo menos 8 meses que a inflação dos alimentos tem superado o índice oficial de inflação. A deflação vista nos meses de julho, agosto e setembro, puxada pela queda artificial do preço dos combustíveis, principalmente da gasolina, promovida às custas de cortes de recursos e serviços públicos de Estados e municípios – medida eleitoreira de Bolsonaro –, só beneficiou as classes com poder aquisitivo mais alto.

Mas toda mentira tem seu fim. Em outubro, o IPCA voltou a registrar alta (0,59%).

O efeito de redução dos preços dos combustíveis criado pelo teto do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) dos Estados se esgotou pelo novo movimento de crescimento dos preços dos combustíveis nas bombas, após nova disparada dos custos do petróleo e seus derivados no mercado internacional. Em outubro, o recuo dos combustíveis foi menor no mês, de -1,27% contra -8,50% no mês anterior. Em novembro, a expectativa é de retomada da inflação sobre os combustíveis.

Dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) apontam que na semana passada (de 30 de outubro a 5 de novembro) o preço médio do litro da gasolina registrou alta pela quarta semana consecutiva; com avanço de 1,42% em relação à semana anterior, passando dos R\$ 4,91 para R\$ 4,98. O valor mais alto do combustível foi encontrado nos postos do Nordeste, R\$ 6,99.

O preço médio do litro do diesel também variou em alta na semana, avançando dos R\$ 6,56 para R\$ 6,58. O valor mais alto foi encontrado na região Norte, R\$ 7,99.

Leia mais sobre o IPCA de outubro no site do HP:

<https://horadopovo.com.br/preco-dos-alimentos-e-quase-o-dobro-da-inflacao-geral-1121/>

<https://horadopovo.com.br/precos-voltam-a-subir-em-outubro-apos-deflacao-fake-de-bolsonaro-2/>

Senador Randolfe vai ao TCU contra operação lesiva ao BNDES

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), um dos coordenadores da campanha de Lula, entrou com uma representação no Tribunal de Contas da União (TCU), em que pede que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) suspenda a devolução de mais R\$ 45 bilhões ao Tesouro.

O senador questiona a rapidez do BNDES para transferir o dinheiro ao governo e também a fonte de extração de recursos.

Esses recursos correspondem a um total de cerca de R\$ 440 bilhões, em valores correntes, de aporte feito pelo Tesouro Nacional no BNDES entre 2008 e 2014 e que poderiam ser pagos até 2060.

O ministro da economia Paulo Guedes vem cobrando as devoluções feitas pelo tesouro ao BNDES para “ajudar a reduzir a dívida pública”, quer dizer, transferir mais recursos públicos para pagar juros à banca e esvaziar o banco de fomento.

Para cumprir esse cronograma mais rápido de devolução, no acordo firmado entre o governo e o BNDES, está prevista a venda de R\$ 40 bilhões do capital da BNDESPar, empresa de participações do banco de fomento.

Randolfe Rodrigues questiona o fato do acordo feito com a pasta de Economia prever o repasse de

recursos ainda neste mês (fim de novembro), em prazo inferior aos 60 dias estipulados para a redução do capital social.

“A devolução, seja pela via normal, seja pela antecipação, deveria respeitar o prazo estabelecido para a execução da política pública”, afirmou o senador ao jornal Folha S.Paulo, destacando que a decisão do TCU determinou que a devolução dos valores deveria atender a critérios de segurança jurídica – princípio que pode ser desrespeitado caso a operação se confirme nestas condições.

“Perfazendo este ato, haverá claro desrespeito à norma societária, com possíveis prejuízos para as entidades financeiras envolvidas e para a própria controladora, a União Federal, sem qualquer contrapartida”, disse Randolfe Rodrigues, afirmando que o BNDES estaria para realizar a transferência dos R\$ 45 bilhões entre sexta-feira (11) e sábado (12).

Nestes quatro anos de governo Bolsonaro, o BNDES deixou de ser um banco que financiava grandes projetos de infraestrutura e modernização da estrutura produtiva do país, além de financiar crédito barato para micros, pequenas e médias empresas, para seguir os ditames do mercado financeiro – com seus juros altos – e ser fiador das privatizações no Brasil.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br



HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp@oi.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp_dfi@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@yahoo.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Presidente do PCdoB e vice-governadora Luciana Santos: não pode haver no Brasil um teto fiscal que leve à fome

CÉZAR XAVIER/GUIOMAR PRATES/RENATA MIELLI (*)

A presidente nacional do PCdoB e vice-governadora de Pernambuco, Luciana Santos, explicou ao **Portal Vermelho** os rumos da transição de governo, da qual é integrante. Na opinião dela, a equipe de transição está no rumo certo: primeiro um grande movimento para garantir a maioria política na governabilidade. “Nós precisamos de estabilidade política e de paz para que o governo Lula dê certo”, enfatizou.

Um dos principais desafios, de acordo com a dirigente partidária, é colocar em prática a agenda do programa eleitoral vitorioso; ou seja, enfrentar a desigualdade social e a mazela da fome. “Para retomar o Bolsa Família, a gente precisa que o apoio social saia da regra do teto de gastos. Não pode haver no Brasil um teto fiscal que leve à fome”, resumiu.

Luciana também avaliou o momento de ascensão de forças de extrema-direita. Ela identifica a origem desse movimento na gravidade da crise econômica de 2008, quando a própria direita se dividiu e cada vez mais setores da burguesia passaram a dizer que não é possível conviver com políticas liberais sem autoritarismo. Para ela, Bolsonaro é a pior representação dessa ideia.

VERMELHO: O PCdoB foi o primeiro partido a defender a frente ampla. Qual foi o papel do PCdoB na consolidação desse amplo arco de alianças em torno do chapa Lula-Alckmin?

LUCIANA SANTOS: O PCdoB sempre entendeu que esse é um país plural, com um histórico de conformação de forças políticas muito complexas. Possui realidades e dinâmicas regionais que interferem no plano nacional. Por entendermos essa complexidade, sempre defendemos que um projeto democrático, popular e nacional necessariamente tem que levar em conta essa diversidade e pluralidade.

Por isso, formulamos com muita convicção a necessidade de construção de frentes amplas. Ainda mais, diante de um governo com as características de Bolsonaro: autoritário na política, retrógrado nos costumes e ultraliberal na economia. Um governo de extrema-direita.

Sempre reunimos convicção de que para enfrentar essa força não bastava o nosso campo, mas atrair outros setores. Muitas vezes fomos incompreendidos, mas prevaleceu a centralidade dessa tática para ganhar as eleições. Prevaleceu a justeza das nossas ideias. Por isso, hoje, podemos comemorar a vitória dessa formulação política.

VERMELHO: Como avalia o resultado geral das eleições com esse país que emergiu das urnas com uma diferença pequena? O que isso traz de elementos para pensarmos o futuro do Brasil?

LUCIANA SANTOS: Precisamos entender que esse fenômeno de uma grande polarização, radicalização, essa onda de violência política nas eleições, um país conflagrado, não é uma característica singular brasileira. Nós estamos vendo este fenômeno em várias partes do mundo, na Europa, na América Latina. Mesmo onde ganhamos as eleições à esquerda, ganhamos sempre numa margem bem apertada, pelas condicionantes dessa geopolítica e do mundo em que vivemos.

Precisamos tirar consequências da afirmação que fizemos quando teve o fim do campo socialista soviético.

Dissemos que a luta pelo socialismo passava para uma defensiva estratégica, daquilo que acreditamos como modelo socioeconômico justo, de igualdade de oportunidades, que leva a um outro patamar civilizacional.

Em 2008, quando aconteceu a crise econômica do capitalismo, houve um grande reatamento no plano da política. Houve uma certa divisão entre os setores dominantes, que detém o poder econômico e o mercado financeiro do mundo todo. Que se traduziu numa divisão entre os setores mais extremados, e os setores mais social-democratas ou flexíveis na questão democrática. Cada vez mais, setores à direita passaram a dizer que não era possível conviver com políticas liberais se não fosse com autoritarismo. Então, no mundo todo, foram se desenhando cenários diferenciados de forças de extrema-direita versus centro-direita.

Claro que temos nossas particularidades. Estamos superando em termos político-eleitorais, mas não no plano das ideias, o comando que tínhamos da extrema-direita, talvez a pior expressão desse campo, pela figura que representa Bolsonaro. Mas o bolsonarismo, que é essa atitude violenta e autoritária na política, permanece.

Precisamos ter mecanismos para fortalecer e elevar ainda mais o debate de ideias.

Queremos o estado do tamanho necessário para ser o indutor do nosso crescimento e do desenvolvimento, e restaurar os direitos da população. Essas coisas andam juntas. Não é possível ter prosperidade, geração de emprego e combate à fome, se não tivermos uma agenda de crescimento que passe pela reindustrialização do país. Ou seja, os desafios são gigantescos, porque as ferramentas indutoras do desenvolvimento foram aos poucos desmontadas. Uma delas, o papel dos bancos públicos na economia.

Leia a entrevista completa em www.hora-dopovo.com.br

Reproduzido do Portal Vermelho
(*) Renata Mielli é jornalista, Doutoranda no Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM-ECA-USP). É Secretária Nacional de Comunicação do PCdoB.

“Inaceitável crianças sem ter o que comer”, afirmou Lula



Presidente eleito: “nós vamos construir um governo para todos”

Lula: “não temos que ter vergonha de vestir a nossa camisa verde e amarela”

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva falou que a camisa da Seleção Brasileira e as cores do país não são “de candidato ou de partido”, mas símbolos “para 213 milhões de brasileiros que amam esse país”.

Em discurso na reunião com parlamentares, na quinta-feira (10), Lula falou para os presentes não terem “vergonha de vestir nossa camisa verde e amarela”.

“Copa do Mundo começa daqui a pouco, e a gente não tem que ter vergonha de vestir a nossa camisa verde e amarela. O verde e amarelo não é de candidato, não é de um partido. O verde e amarelo são as cores para 213 milhões de brasileiros que amam esse país”, declarou em discurso no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

“Portanto, vocês vão me ver com a camisa verde e amarela, só que

a minha vai ter o número 13”, completou.

Ainda na pré-campanha, Lula pedia que as cores verde e amarela estivessem mais presentes nos atos e comícios contra Bolsonaro. “Nós precisamos resgatar essa bandeira. Essa bandeira é de quem trabalha, é das mulheres, dos negros, é da sociedade brasileira. Portanto, nós temos que ter orgulho de usar a nossa bandeira”, explicou o então pré-candidato.

As cores verde e amarela foram sequestradas pelos bolsonaristas em suas manifestações. Jair Bolsonaro e seus filhos já posaram diversas vezes com camisetas verde e amarela com os dizeres “meu partido é o Brasil”.

Fingindo-se de patriota, a família Bolsonaro organizou um saque do patrimônio público e promoveu a destruição do país nos últimos qua-

tro anos. Bolsonaro foi o primeiro presidente a tentar e não conseguir a reeleição. Além disso, maqueou Donald Trump o tempo inteiro e bateu continência para a bandeira norte-americana em evento nos EUA.

Declarou que gostaria de abrir a Amazônia para as empresas dos EUA explorarem.

Chamou o bilionário Elon Musk, presidente-executivo da SpaceX e da fabricante de carros elétricos Tesla, para lançar um programa de “monitoramento ambiental” de queimadas e desmatamento da Amazônia, apesar do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) já possuir um sistema de monitoramento via satélite operando eficientemente na Amazônia.

Lula venceu o segundo turno com uma vantagem de, aproximadamente, dois milhões de votos

Empresários doadores de Bolsonaro bancam carne, caminhões e ônibus para agitar atos golpistas

Empresários bolsonaristas fizeram doações de carne e emprestaram caminhões e ônibus para a realização das manifestações golpistas em Brasília, revelou o jornal O Globo.

Os mesmos empresários fizeram doações para a campanha de Jair Bolsonaro à reeleição.

Erci Denardin, dona do grupo agrícola Denardin, admitiu ao jornal que enviou os caminhões da empresa para Brasília “para fazer parte do movimento” que pede a anulação das eleições e uma intervenção militar. Cerca de 120 caminhões da empresa foram usados nos atos.

“Votei no Bolsonaro. Quero que o correto seja feito. Se houve fraude nas urnas, não podemos deixar isso. Já foi comprovado que houve fraude. A gente é do agro, o país precisa do agro. Somos

uma empresa honesta. Não podemos concordar com falcetrua”, disse. Qual “comprovação” da fraude ela não disse.

O mesmo aconteceu com Felipe Comelli, sócio-proprietário do Grupo Comelli, empresa de transporte de insumos agrícolas. Comelli, que doou R\$ 40 mil para a campanha de Bolsonaro, emprestou caminhões para os atos golpistas.

Comelli disse que está usando a estrutura da empresa para se manifestar contra a “censura” do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) nas redes sociais.

Nas manifestações em Brasília também foram identificados 10 caminhões da empresa Agrowalker, de Luis Walker. O empresário, que fez uma doação de R\$ 6 mil para Bolsonaro usar na campanha eleitoral, não

respondeu o Globo sobre os caminhões.

Outros empresários estão articulando e financiando a estrutura e o transporte para os manifestantes. Pedro Defant Filho, dono do Grupo Pampa, que comercializa máquinas agrícolas, divulgou em seu perfil pessoal no Instagram que levantou ônibus que iriam de Tangará da Serra (MT) até Brasília, sem nenhum custo para os manifestantes.

“Já temos três ônibus completos!! Quanto mais voluntários, melhor!!! Boooooo povo. Agora ou nunca. Saída para Brasília, todas despesas pagas, começamos hoje nossas saídas!!! Acampamento sendo montado...Todas as despesas pagas”, publicou. Depois, completou: “Muito obrigado a todos, 5 ônibus completos saindo de Tangará”.

Flávio Dino: “esse 2022 foi um ano de desvario fiscal e ninguém ficou nervoso”

O senador eleito e ex-governador do Maranhão, Flávio Dino (PSB), afirmou que “esse ano de 2022 foi um ano de desvario fiscal e ninguém ficou nervoso, aprovaram quatro PECs para furar o teto” de gastos.

O ex-governador se refere às dezenas de bilhões gastos pelo governo Bolsonaro para tentar se reeleger com medidas eleitoreiras.

“O teto de gastos já não vem sendo cumprido há três anos. Esse ano de 2022 foi um ano de desvario fiscal e ninguém ficou nervoso”, aprovaram quatro PECs para furar o teto. O conjunto de irresponsabilidades eleitoreiras que foram feitas e todo

mundo aceitou... Agora, em 48h, quer se impor que o teto de gastos seja cumprido?”, questionou o senador eleito criticando o alarido do “mercado” diante das falas de Lula.

O ex-governador disse em entrevista à CNN que “é preciso ter calma, prudência e moderação. A transição ainda está em andamento, a equipe está discutindo. Posso garantir a todos, Lula e Alckmin são pessoas experientes e é claro que terão ponderação”.

Em discurso, Lula questionou “por que as pessoas são levadas a sofrer por conta de garantir a tal da estabilidade fiscal no país?”. Para Flávio Dino, sob o governo Bolsonaro, “o

que nós temos hoje no Brasil é tudo fake, falso, artificial”. “Há quantos anos o teto de gastos não é cumprido?”, continuou.

Após a reação do “mercado” com sua manifestação, em que defendeu combater a miséria, a fome e o crescimento do país, Lula comentou que “o mercado fica nervoso à toa”.

“Não vi o mercado tão sensível como o nosso. É engraçado que esse mercado não ficou nervoso durante quatro anos [do governo] Bolsonaro”, completou o presidente, ao ser questionado por jornalistas após sair de reunião com parlamentares aliados na sede da equipe de transição, em Brasília.

POLÍTICA/ECONOMIA □ 3

Dados oficiais do Ministério da Saúde registraram, apenas em setembro, 977 mil casos de desnutrição em crianças e adolescentes. Em agosto, foram detectados 136 mil casos. Jair Bolsonaro finge que não existe fome no seu governo

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nas redes sociais que “não podemos aceitar que crianças acordem sem ter o que comer no café da manhã”. O combate à fome foi determinado como principal foco do próximo governo.

“Nós vamos construir um governo para todos, mas com atenção especial para os que mais precisam”, disse.

Lula fez o comentário sobre uma reportagem do UOL intitulada “Escalada da fome gera 1 milhão de menores com desnutrição no país em 2022”.

A reportagem revela que dados oficiais do Ministério da Saúde registraram, apenas em setembro, 977 mil casos de desnutrição em crianças e adolescentes. Em agosto, foram detectados 136 mil casos.

No ano de 2015, eram 27 mil crianças com desnutrição, segundo o Sistema de Informação da Saúde da Atenção Básica (Sisab), do Ministério da Saúde.

Jair Bolsonaro, mesmo sabendo dessa realidade, falou diversas vezes que não há fome no Brasil. “Alguém já viu alguém pedindo um pão na porta, ali, no caixa da padaria? Você não vê, pô”, comentou o então candidato à reeleição.

O Orçamento que seu governo produziu para 2023 prevê apenas R\$ 25,5 milhões para ações e programas de “segurança alimentar e nutricional”, enquanto em 2022 a área teve R\$ 66 milhões.

O próprio Ministério da Saúde admite que o Orçamento terá que ser adequado para que haja verba para o tema. O Ministério disse que “buscará, em diálogo

“Nossa ‘regra de ouro’ será o combate à fome”, afirma Lula a parlamentares

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva participou de uma reunião com deputados, na quinta-feira (10), e afirmou em discurso no evento que seu governo será plural e democrático, tendo como prioridade o combate à fome e a retomada do desenvolvimento.

“Sabe qual é a regra de ouro nesse país? E garantir que nenhuma criança vá dormir sem tomar um copo de leite e acorde sem ter um pão com manteiga para comer todo dia”, enfatizou Lula.

Na abertura da reunião, o vice-presidente eleito, Geraldo Alckmin (PSB), disse que a transição, que ele coordena, será “democrática, participativa e contributiva”. O gabinete de transição deverá representar a “frente democrática bastante ampla” que elegeu Lula.

Gleisi Hoffmann, presidente nacional do PT, falou que a composição da transição, que já conta com, segundo ela, 14 partidos, é “reflexo da necessidade de fazer essa frente para as mudanças que precisamos”. Ela também ressaltou a necessidade de “resgatar a normalidade” democrática.

Lula falou que aqueles escolhidos para compor a transição podem ou não ser ministros no próximo governo, mas isso ainda não foi definido.

De acordo com ele, a transição não toma decisões. “A transição vai fazer um levantamento da situação do país e, a partir disso, vamos discutir e tomar decisões para começarmos o processo de mudança desse país”.

COMBATE À FOME

No encontro, Lula reafirmou a necessidade de o governo federal agir no combate à fome e à pobreza. “Embora a gente tenha que governar para todos, temos também que tratar prioritariamente as pessoas mais necessitadas”.

O futuro presidente disse que o “mundo do trabalho” e a “reforma da aposentadoria” têm que ser rediscutidos para garantir direitos e qualidade de vida. “Por que as pessoas são levadas a sofrer em nome de garantir a tal da estabilidade fiscal?”, questionou.

com o Congresso Nacional, as adequações necessárias na proposta orçamentária para 2023”.

Uma médica ouvida pela reportagem do UOL, Viviane Xavier, que trabalha em uma Unidade de Saúde da Família (USF) na zona rural de Caruaru (PE), relatou que nunca viu tantos casos de desnutrição infantil como vê hoje sob o governo Bolsonaro.

“A maioria está realmente em estado de insegurança alimentar. Não sabe o que vai comer na próxima refeição, então é difícil traçar um perfil dietético. Eles afirmam que comem até osso, carcaça de galinha. A situação é preocupante”, falou.

“Hoje [quarta-feira] mesmo, recebi uma criança que estava em outra cidade, e a família voltou para Caruaru há um mês em busca de trabalho. Está com desnutrição importante, e precisamos enviá-la à UPA [Unidade de Pronto Atendimento] para ser hidratada e, depois, darmos a continuidade do tratamento”, disse a médica.

Ela ainda apontou que “são crianças que adoeçam com mais facilidade do que as outras, pois não têm os nutrientes necessários inclusive para fabricar anticorpos suficientes”.

Uma pesquisa da rede Penssan revelou, em junho, que 33 milhões de brasileiros passam fome todos os dias, enquanto 125 milhões vivem em situação de insegurança alimentar. Desde 2020, mais 14 milhões de pessoas começaram a passar fome.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, falou que a pesquisa é mentirosa. “33 milhões de pessoas passando fome é mentira”, disse.

“Não poderíamos ficar, no século XXI, falando de uma lei feita em 1943, mas a gente não pode abdicar daquilo que era conquista e que dava segurança”, apontou.

“Parece pouco, mas a reforma da aposentadoria fez com que um trabalhador que recebia R\$ 2.000 fosse receber R\$ 1.300 agora. Uma mulher que recebia R\$ 2.000 de pensão do marido vai receber metade disso”, criticou.

“Porque o povo pobre não está na planilha da discussão da macroeconomia? Porque a gente tem meta de inflação, mas não tem meta de crescimento?”, continuou.

Lula se emocionou e chorou quando lembrou que a luta, quando foi eleito em 2002 era a mesma de hoje: o combate à fome.

“Se, quando eu terminar o mandato, cada brasileiro estiver tomando café, almoçando e jantando outra vez, eu terei cumprido a missão da minha vida”.

“Eu jamais esperava que a fome voltasse. Quando eu deixei a Presidência, eu imaginava que nos dez anos seguintes esse país estaria igual à França, à Inglaterra, teria evoluído nas conquistas sociais”.

“Esse país pode garantir que cada cidadão possa comer, não há explicação [para a fome]. A única explicação é que falta compromisso dos governantes”, sentenciou.

INSTITUIÇÕES

O presidente eleito contou, em sua fala, que se reuniu com os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e com os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para trazer a normalidade de volta.

“Ontem eu visitei as instituições brasileiras para dizer que a partir de agora vocês vão ter paz, porque não vão ter um presidente desaforado querendo intervir no STF ou na Justiça Eleitoral”. Esse país vai voltar à civilidade”, assinalou o presidente eleito.

Lula conversou com Lira e com Pacheco, eleitos com o apoio de Bolsonaro, e disse que “estou aqui para provar que queremos estabelecer o diálogo entre os partidos políticos”.

Gal Costa, a voz que cantou com maestria para gerações

O mundo perdeu um pouco de sua alegria com a morte de Gal Costa. Cantora que morreu na última semana deixa um legado para a música brasileira

Diz-se que quando morre um grande artista a vida perde um pouco de sua luz, deve ser porque esses seres que dedicam suas vidas à arte, mesmo inconscientemente, nos fazem refletir sobre nossa essência humana, a realidade que nos cerca, a cultura de um povo e, entre tantas outras coisas, o intangível da vida e, por isso, se acercam de nós, como se íntimos fossem, da família, e nos marcam a vida.

Hoje, certamente, o mundo, não apenas o Brasil, perdeu um pouco de sua alegria com a morte de Gal Costa.

Fiquei pensando sobre isso logo após saber da notícia e tentava entender a tristeza que senti, mesmo sem nunca tê-la visto de perto, nem saber quase nada de sua vida pessoal discretíssima. O que entendi, é que eu não seria a mesma pessoa se, desde mais ou menos os 13 anos de idade e até os dias de hoje, não tivesse ouvido seu canto.

A voz, que num país de esplêndidas cantoras é classificada como uma das mais belas, que cantou com maestria para gerações e gerações os rebeldes e inspirados versos da Tropicália, os puros cantos da Bahia, todas as bossas-novas, deliciosas ingenuidades da Jovem Guarda, antigas canções, os protestos, a densa poesia, negros lamentos... o melhor da Música Popular Brasileira – a nossa velha e pujante MPB.

Ao longo dos seus 57 anos de carreira, Gal Costa deu sua voz afinadíssima e de inigua-

lável profundidade a praticamente todos os compositores que fizeram o que poderia ser classificado como a 2ª Era de Ouro da música brasileira. Cantou, entre outros, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Edu Lobo, Dorival Caymmi, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Milton Nascimento, João Gilberto, Luiz Melodia, Jorge Benjor, Roberto e Erasmo Carlos, Ronaldo Bastos, Renato Teixeira, Torquato Neto, Tim Maia, Gonzaguinha, João Donato, Tom Zé, Djavan, Jards Macalé, Moraes Moreira, Cazuza.

Entre os mais antigos, resgatou clássicos de Ary Barroso, Geraldo Pereira, Lupicínio Rodrigues, Adoniran Barbosa, João de Barro, Alberto Ribeiro, Jacob do Bandolim, Herminio Bello de Carvalho, Haroldo Barbosa, entre outros.

Um tal cuidado, e porque não dizer acuidade, respeito ao público e talento na escolha de repertório, aliado a voz e força de suas interpretações, fizeram de Gal Costa uma verdadeira Diva da nossa música, o que reforça a ideia inicial deste texto: o mundo hoje, ficou sim, um pouco mais triste, porque morreu uma grande artista. Felizmente, o registro de seu canto pode continuar nos inspirando, nos elevando e nos fazendo refletir, nos vãos da música, sobre a nossa cultura, a nossa história, a nossa essência humana. A nós e às novas gerações.

ANA LUCIA



Num país de esplêndidas cantoras, sua voz é classificada como uma das mais belas



Doces Bárbaros: Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil



Gal Costa junto a Caetano Veloso e o mestre da MPB João Gilberto



Junto a Chico Buarque, com quem criou uma história de parcerias

Boldrin incorporou o Brasil profundo em todas as suas formas de expressão

Uma semana de tristeza para a arte brasileira. Primeiro, a perda da cantora Gal Costa e, no mesmo dia, do compositor, cantor, ator e apresentador de TV, Rolando Boldrin, dois dos maiores expoentes da nossa cultura popular.

Cada qual ao seu estilo – Gal, dando voz a uma cultura mais urbana e, Boldrin, um legítimo representante do Brasil rural –, suas partidas são perdas inigualáveis.

Boldrin tinha múltiplos talentos, mas era, antes de tudo, o artista que incorporou em todas as suas formas de expressão o Brasil profundo, o homem caipira, o interiorano, o sertanejo que, por viver e criar longe dos centros do país, muitas vezes fica circunscrito àquele lugar, sem que sua riqueza cultural genuína chegue até a maioria de nós.

Pois foi a isso que Rolando Boldrin se dedicou nos seus mais de 60 anos de carreira: ser, ele próprio, o autor e intérprete de falas e canções violeiras, que dizem de meninos “fracos e mirrados” que “mastigam o mundo e ruminam” a “vida marvada”.

Mas não apenas isso, mas também ser, para milhões de expectadores, o talentosíssimo “contador de causos”, resgatando de forma brilhante essa forte expressão da nossa tradição oral e da nossa cultura popular e, ainda, aquele que incansavelmente divulgou a arte, os gêneros musicais, a poesia, o artesanato e o modo de vida desses brasileiros das mais longínquas regiões do país.

Tocador de viola desde os 12 anos e, como ator, um dos pioneiros da teledramaturgia, atuou em mais de 30 novelas e participou de cinco filmes. Nos discos, entre música, poemas e causos, gravou mais de 20.

Mas foi como apresentador de TV, ao estreiar na década de 80, que seus múltiplos talentos se expandiram.

Com programas próprios, idealizados por ele e inspirados na amiga e parceira de arte, Inezita Barroso – que brilhou durante décadas com o programa Viola, Minha Viola na TV Cultura, de música sertaneja de raiz –, Boldrin fazia o que mais gostava e encantava o país.

Desde Som Brasil, na TV Globo, passando por Empório Brasileiro (Bandeirantes), Empório Brasil (SBT), Estação Brasil (Gazeta) e Sr. Brasil, na TV Cultura, que apresentou até este ano, resgatou a mais autêntica música regional, cantou, tocou, recitou e trouxe convidados para momentos de poesia, entrevistou, conversou, dançou, e “alumiou” com seus causos e carisma a tela de nossas TVs, assim como já deve estar fazendo, agora que se foi: “alumiado”, fazendo clarão no céu com os nossos aplausos e aplausos.



Rolando Boldrin se dedicou nos seus mais de 60 anos de carreira: ser, ele próprio, o autor e intérprete de falas e canções violeiras, que dizem de meninos “fracos e mirrados” que “mastigam o mundo e ruminam” a “vida marvada”



Caetano e Gil durante entrevista

Doces Bárbaros: Bethânia, Gil e Caetano lamentam a partida de Gal

Os músicos Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia se emocionaram, nesta quarta-feira (9), ao falar da morte de Gal Costa, que faleceu hoje vítima de um infarto. Amigos desde a juventude, o icônico quarteto realizou algumas turnês dos intitulados Doces Bárbaros.

Caetano Veloso comentou no Estúdio I, da GloboNews, sobre a morte de Gal. Muito emocionado, Caetano relembrou de uma canção que compôs para a amiga gravar e que, de acordo com ele, era a definição de Gal Costa.

“Ao longo dos anos eu compus várias canções para ela cantar. E tem uma canção cuja letra diz tudo: ‘Minha voz, minha vida/Meu segredo e minha revelação/Minha luz escondida/Minha bússola e minha desorientação’”, falou o cantor aos jornalistas do programa.

Caetano falou, ainda, sobre a figura importante que Gal se tornou no cenário da música popular brasileira, servindo de exemplo para muitas mulheres.

“Quando eu soube da notícia, a primeira coisa que eu fiz foi ligar para Bethânia e Gil. Foi difícil, mas bom falar com eles”, disse.

Extremamente sensibilizado com a situação, ele ainda assistiu a imagens de Gal cantando com Bethânia, enquanto ele e Gil acompanhavam.

Gilberto Gil não escondeu as lágrimas ao falar sobre Gal Costa. Também em entrevista à GloboNews, ao lado de Caetano, ele revelou como reagiu ao receber a notícia da morte da cantora.

“Quando recebi uma notícia, até me controlei. A morte faz parte da vida e o agente sempre procura e em certa medida encontra uma forma da notícia da morte do querido chegar de forma tranquila. Mas com a compreensão da grandeza e da abrangência dela, do que ela fazia e da música que ela representava. Da comoção que foi se revelando no país. Eu fui ficando muito assim...”, disse, enquanto chorava. “Muita dificuldade para falar. Muita emoção”, completou.

Além de lágrimas, Gil fez questão de expressar o riso ao falar dos momentos ao lado da amiga. “A gente brincava que era uma dupla caipira. Jiló e Gaúcha”, contornou.

“Ela apareceu, eu apareci para Caetano. Todos nos aparece para todos nós, ali em Salvador. Tudo por causa de João Gilberto e da Bossa Nova. Ela apareceu porque parecia algo. “, relembrou na entrevista.

Com voz embargada, Maria Bethânia se manifestou em suas redes sociais sobre a morte de Gal Costa.

“Em choque, triste demais, difícil demais. Eu nunca pensei um dia chegar a vocês para falar sobre a dor de perder Gal. O Brasil que ela sempre encantou com sua voz única, magistral, hoje, inteiro, chora. Como eu”, afirmou Maria Bethânia.

Maria Bethânia, que mora no Rio de Janeiro, ainda afirmou que, mesmo longe, sempre admirou Gal. “Uma amiga que, mesmo longe, sempre mantive a admiração e respeito. Que Deus a receba na sua mais pura luz. E triste demais, difícil demais. Muito duro”, completou Bethânia.

Bethânia e Gal são artistas contemporâneas, elas começaram a carreira juntas na década de 1960, em Salvador. Porém, por motivo nunca revelado ao público, as duas tiveram algum desentendimento. Elas chegaram a ficar mais de 10 anos sem se falar. De acordo com o jornal Extra, um produtor musical que não teve a identidade revelada contou que, em 1993, “as duas já estavam afastadas. Embora, tenham até dividido o palco, algumas vezes, depois disso. Após Doces Bárbaros, elas passaram a não conviver mais”.

Apesar da distância física, o carinho de uma história na música juntas prevaleceu e Bethânia prestou esta linda homenagem à Gal.



Cantora Maria Bethânia gravou vídeo em homenagem a Gal

Trabalhadores foram coagidos a participarem de atos golpistas em Santa Catarina, denuncia o MPT

As eleições se encerraram, em segundo turno, em 30 de outubro. Todavia, até as 11h da manhã da última sexta-feira (11), o MPT-SC (Ministério Público do Trabalho em Santa Catarina) havia recebido 21 denúncias contra empregadores que teriam coagido trabalhadores a participar dos atos golpistas que contestam o resultado das eleições e bloquearam ilegalmente rodovias no Estado.

Os casos foram registrados entre 30 de outubro, data do segundo turno da eleição presencial, e a última sexta-feira. Os nomes das empresas acusadas não foram divulgados.

Os bloqueios de rodovias começaram em 30 de outubro, depois de confirmada a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a derrota de Jair Bolsonaro (PL).

Santa Catarina chegou a ter quase 70 atos simultâneos nas estradas. No entanto, não há registro de novos bloqueios desde a última segunda-feira (7).

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) informou ao Supremo Tribunal Federal (STF) que, de 30 de outubro a 6 de novembro, foram identificadas e multadas 40 pessoas físicas e 10 empresas pela organização de atos golpistas. Segundo relatório da PRF, ao menos 23 pessoas são citadas como “lideranças que atuam nesses movimentos, bem como [proprietários de] alguns veículos utilizados nos bloqueios”.

ASSÉDIO ELEITORAL

Desde agosto, o MPT-SC já registrou 313 denúncias de assédio eleitoral envolvendo 205 empresas (indústria e comércio), associações e federações de classe e sindicatos patronais. A maioria dos episódios ocorreu na região do Oeste catarinense.

O assédio eleitoral ocorre quando, em ambiente ou situação de trabalho, empregados se sentem intimidados, ameaçados, humilhados ou constrangidos por um empregador ou colega de trabalho que tenta influenciar ou manipular seu voto ou opinião política.

Os bloqueios ilegais em vias do país, que começaram a se formar logo após a conclusão do segundo turno das eleições, no domingo (30), e ganharam maior proporção no dia seguinte, causaram danos a muitas pessoas que precisaram se deslocar por essas ruas e estradas, limitando o direito de ir e vir.

RISCOS AO ABASTECIMENTO E À VIDA

Além dos transtornos a quem precisava passar pelas vias interditadas e foi impedido, a ação também prejudicou o transporte de insumos para a produção de vacinas no Instituto Butantan e impediu o tratamento de pessoas que precisam fazer hemodíalise em Santa Catarina. Até voos foram cancelados.

A Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química) denunciou que os bloqueios estavam causando “risco extremo e iminente a preservação da vida” ao impossibilitar a entrega de oxigênio medicinal em clínicas e hospitais.

A Abras (Associação Brasileira de Supermercados), divulgou que 70% dos supermercados já estão com problemas de abastecimento, em sete Estados – Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo – e no DF.

No Ceará, quem teve prejuízo foram os donos de 18 veículos de manifestantes multados em mais de R\$ 100 mil pela PRF nos atos de pequena proporção e duração realizados em dois pontos de Fortaleza, em Pacajus e em Brejo Santo.

BLOQUEIO COMPLETO DAS VIAS

A Constituição de 1988 diz no artigo 5º, inciso XVI, que “todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público”. Contudo, isso não deve afetar o direito de ir e vir do outro, outra garantia legal prevista no inciso imediatamente anterior: “XV – é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz”.

A advogada Rociel Galdino de Sousa, membro da Comissão de Estudos em Direito Penal da OAB-CE, ressalta essas conquistas do texto constitucional. “A livre manifestação pacífica e ordeira é um direito fundamental. É um direito do cidadão fazer sua manifestação”, destaca.

Ela reforça que não há ilegalidade em manifestações pacíficas, “desde que não haja prejuízo para a sociedade como um todo. Não deve haver ameaças, violências”, enfatiza.

MULTA PARA INFRAÇÃO PODE SUPERAR R\$ 17 MIL

A criminalista afirma, contudo, que “o bloqueio deliberadamente sem nenhum sentido, com outras motivações, é crime, sim, caracterizado pelo artigo 253 do Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Mas desde que haja uma conversa, que essas pessoas fiquem se manifestando, liberem parte da via, não há porque ser considerado movimento ilegal”.

A infração de bloquear a via com veículo é infração gravíssima, conforme o CTB. A pena aplicada é de multa, no valor de R\$ 293,47, além de remoção do veículo.

Também aplicável a esses movimentos, o artigo seguinte, 253-A prevê penalidade ainda mais severa. De acordo com o dispositivo, quem “usar qualquer veículo para, deliberadamente, interromper, restringir ou perturbar a circulação na via sem autorização” é punido com a multa para infração gravíssima multiplicada por 20 (R\$ 5.869,40), tem a suspensão do direito de dirigir por 12 meses e a remoção do veículo.

Para os organizadores, a multa é multiplicada por 60 (R\$ 17.608,20).

Rociel Galdino de Sousa pondera que, no caso de dois direitos fundamentais estarem em conflito, o de manifestação e o de ir e vir, “tem que haver uma intervenção para que esses direitos sejam viabilizados”.

M. V.

FUP: ‘Antecipação de dividendos é tentativa de homicídio da Petrobrás’



Divulgação/FUP



Queda no volume de processos trabalhistas coloca em evidência a precarização da CLT

A queda no volume de processos trabalhistas ajuizados na primeira instância no país, que poderia ser motivo de comemoração, na verdade, esconde uma das maiores mazelas impetradas aos trabalhadores desde a implantação da reforma trabalhista, em 2017, e aprofundada nos quatro anos do governo Bolsonaro.

Conforme levantamento publicado pelo Estadão, o volume de processos ajuizados na primeira instância pelo país “caiu ao mesmo patamar de 30 anos atrás”. Dados do Tribunal Superior do Trabalho (TST) apontam que o ano de 2021 fechou com 1,550 milhão de novas ações nas varas, montante próximo ao registrado em 1992, com 1,517 milhão. Até setembro deste ano, são 1,263 milhão.

A redução desses pro-

cessos é fruto da imposição de regras mais rígidas para a apresentação de ações, e ainda o ônus para o trabalhador dos honorários advocatícios e periciais em caso de derrota.

Além do mais, a flexibilização de direitos, antes garantidos pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), enfraqueceu o papel dos sindicatos nas negociações coletivas.

Essa queda de ações judiciais, comemorado pelos defensores da reforma e por parte da imprensa, não é, portanto, “uma certa moralização da litigância”, como afirmou ao Estadão uma das redatoras da reforma de Temer e ex-coordenadora do Grupo de Altos Estudos do Trabalho (Gaet) do governo Bolsonaro, a juíza Ana Luíza Fischer.

Significa, sim, colossal

perda de direitos dos trabalhadores, com precarização, sujeição ao trabalho intermitente, caso em que o trabalhador fica à disposição do empregador e só recebe pelas horas trabalhadas, sujeição a contrato temporário, queda no poder real dos salários, liberalização total da terceirização, ao permitir a utilização desse normativo inclusive em atividade fim e em qualquer setor de atividade, e fragilização na defesa do emprego, com o desmonte das organizações sindicais.

Como afirmou o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a campanha, em encontro com sindicalistas: “a mentalidade de quem fez a reforma trabalhista e a reforma sindical é a mentalidade escravocrata”.

Reajustes salariais ficam sem aumento real em 60% dos acordos fechados em setembro

Boletim do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), divulgado em outubro, mostra que mais de 60% das negociações coletivas não tiveram aumento acima da inflação no mês de setembro. Em 38% dos acordos houve resultados iguais ao índice inflacionário e em 22,4%, abaixo dele.

De acordo com o Dieese, após o mês de julho – que registrou o pior resultado do ano, com 61,08% das negociações abaixo da inflação oficial – os índices devem ser mantidos ou apresentar alguma melhora até o final do ano, uma vez que categorias com

maior poder de negociação, como metalúrgicos, químicos, têxteis e comerciários, estão em campanha salarial.

CESTA BÁSICA

Ao passo que mais da metade dos acordos não conquistam aumento real, em outro levantamento o Dieese mostra que o valor do conjunto dos alimentos básicos aumentou em 12 das 17 capitais pesquisadas. Entre setembro e outubro, as altas mais expressivas ocorreram em Porto Alegre (3,34%), Campo Grande (3,17%), Vitória (3,14%), Rio de Janeiro (3,10%) e Curitiba e Goiânia (ambas com 2,59%).

Porto Alegre foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 768,82), seguida por:

São Paulo (R\$ 762,20), Florianópolis (R\$ 753,82), Rio de Janeiro (R\$ 736,28) e Campo Grande (R\$ 733,65).

Em 2022, o custo da cesta básica apresentou elevação em todas as cidades, com destaque para as variações acumuladas em Campo Grande (14,39%), Goiânia (13,15%), Porto Alegre (12,58%), Brasília (12,47%) e Curitiba (10,80%). Rio de Janeiro teve uma variação acumulada de 10,51% e São Paulo de 10,38%.



“Reduzir a capacidade de investimentos para atender acionistas é matar o futuro da Petrobras”, afirmou Deyvid Bacelar, presidente da FUP (Federação Única dos Petroleiros), em entrevista à Hora do Povo

A diretoria bolsonarista da Petrobrás antecipou 43,7 bilhões de reais em dividendos para acionistas, programados para serem pagos em 23 de dezembro e em 23 de janeiro de 2023. Quase 200 bilhões de reais já foram distribuídos esse ano. Hoje a Petrobrás é a maior pagadora de dividendos do mundo.

“São números acintosos”, que reduzem a capacidade de investimento da Petrobrás, principalmente a curto prazo, relatados por Deyvid Bacelar, presidente da Federação Única dos Petroleiros (FUP), em entrevista exclusiva para a Hora do Povo, concedida por videoconferência durante a sua viagem para Brasília, onde participará das discussões da equipe de transição.

“O lucro líquido, formado agora, esses 43,7 bilhões de reais, são por conta da alta dos preços internacionais e das privatizações”. Segundo nos disse o sindicalista, “há uma preocupação da FUP, da Anapetro, como também da equipe de transição do governo Lula, em relação a esses números”. “Assim como fizeram com o Orçamento da União, as operações com a Petrobrás estão sendo avaliadas”.

A preocupação com esses mega dividendos também é de alguns investidores. “Felizmente há investidores mais sérios, fundos de investimentos, fundos de pensão, que querem ver uma empresa perene, com planejamento estratégico”, disse.

Para o dirigente sindical, “deveria caber ao novo governo decidir essa questão, com assembleia de todos os acionistas em abril, e não de forma açodada”.

“Reduzir a capacidade de investimentos para atender acionistas que utilizam a companhia para terem altos rendimentos em curtíssimo prazo é matar o futuro da Petrobrás”, afirmou Deyvid. “Não faz sentido você atrelar o preço do derivado produzido com petróleo brasileiro, mão de obra brasileira, com refinarias brasileiras, ao preço do barril de petróleo no mercado internacional”.

INVESTIMENTO

Na avaliação do presidente da FUP, “se não fossem os investimentos no passado, não teríamos o pré-sal produzindo 75% da produção nacional”. As grandes empresas do setor, inclusive as privadas, a Shell, a ExxonMobil, a Total, concentram grandes investimentos não só na extração e produção de petróleo, como no refino e em energia renovável.

“É inadmissível um país autossuficiente em petróleo, que tem o 6º maior parque de refino de petróleo, atrelar o preço do diesel, da gasolina e do gás de cozinha aos preços internacionais”, considerou Deyvid.

“Não faz sentido você atrelar o preço do derivado produzido com petróleo brasileiro, mão de obra brasileira, com refinarias brasileiras, com 1/3 dos custos de produção em real, ao preço do barril de petróleo no mercado internacional, ao dólar e aos custos de importação de derivados do petróleo. É irracional isso. Nenhum país no mundo que tenha estas características utiliza essa política de preços”, afirmou.

“Ainda importamos entre 25% e 30% do diesel consumido aqui no Brasil. Precisamos da autossuficiência no refino também. O presidente Lula disse que vai fazer isto. Está no plano de governo terminar as obras paralisadas. Estamos falando do complexo petro-

químico do Rio de Janeiro, o 2º trem da Refinaria de Abreu e Lima, em Pernambuco”, afirmou Bacelar.

“Se você importa 25% do diesel, faz sentido você aplicar preço e taxas de importação sobre e que de fato é importado. Agora, outra coisa é aplicar sobre os 75% produzidos no Brasil, com petróleo do pré-sal, extraído a um custo de extração baixíssimo, o menor do mundo, 5 dólares o barril, refinado em refinarias brasileiras”, denunciou Deyvid.

Para o sindicalista, “é Robin Hood às avessas. Retira do pobre, que paga num botijão de gás de cozinha até 130 reais, para dar esse lucro aos muito ricos, que têm ações na bolsa de Nova York”. Acrescentou, ainda, que “a geração de riqueza, feita aqui no Brasil, ela serve para transferir essa renda petrolífera para fora do Brasil”.

AÇÃO

O presidente da FUP informou que ingressou com ação judicial em setembro, que já houve a contestação de empresa e agora, na terça-feira, começa a contar o prazo de 15 dias para a FUP se manifestar. “Assim como já se manifestou o Ministério Público, e esperamos que a Justiça Federal impeça esses prejuízos graves para o futuro da empresa”.

ESQUARTEJADA

Bacelar lembrou que “a Petrobrás está sendo vendida aos poucos. Transformam ativos em empresas subsidiárias e assim conseguem vender os ativos, que passam a compor os dividendos” (a serem distribuídos aos acionistas estrangeiros e ao governo para pagamento dos juros da dívida pública).

Como exemplo, citou a BR distribuidora e a Liquigás. “São duas empresas importantes para comercialização e distribuição dos derivados de petróleo. A BR distribuindo diesel, óleo lubrificante, gasolina. A Liquigás vendendo GLP, gás liquefeito de petróleo. As duas foram dissolvidas na bolsa de valores. A população não sabe que os postos que estão com a marca Petrobrás não são mais Petrobrás. A “Vibra”, criada depois da privatização, pagou para usar o nome Petrobrás por dez anos. A Petrobrás, que tem sua marca, não pode usá-la”, denunciou.

E continuou: “Venderam os grandes gasodutos. Hoje a Petrobrás paga para usar os gasodutos que construiu. A Petrobrás recebeu 36 bilhões de reais pelos gasodutos e já pagou tudo que recebeu para usá-los. Venderam plantas de energia renovável, parques de energia solar no Rio Grande do Norte. Venderam campos de produção de petróleo e gás em terra e no mar. E iniciaram a venda das refinarias da Bahia, da refinaria de xisto, na rocha, tecnologia nossa, acertaram a venda da refinaria de Manaus para dezembro, e da Lubnor, de lubrificantes, além das fábricas de fertilizantes que foram fechadas e o país hoje depende em 85% da importação de fertilizantes hidrogenados para a agroindústria e a agricultura familiar”.

O novo governo terá um desafio enorme para atingir a autossuficiência no refino: “Concluir as refinarias, ampliar as que estão sob controle da Petrobrás e buscar o processo de reestatização de algumas refinarias que foram privatizadas, para que o mercado possa ser atendido totalmente e que seja com preços justos” concluiu.

CARLOS PEREIRA



Foto de arquivo

Ocupação israelense dispersa ato palestino ONU aprova o questionamento da ocupação israelense junto ao Tribunal Internacional de Haia

A Comissão de Descolonização da ONU aprovou, nesta sexta-feira (11), indagar opinião da Corte Internacional de Justiça (ICJ, sigla em inglês), sediada em Haia, sobre a ocupação de Israel nos territórios palestinos.

A resolução aprovada na ONU e que atendeu à solicitação da representação palestina, destaca que a solicitação se dirija à ICJ lhe pedindo “urgência” e foca na “ocupação prolongada, nos assentamentos judaicos assim como anexação de território palestino” que os atingidos por essa agressão condenam como violação do direito palestino à autodeterminação.

Diante da negativa de governos israelenses de retomar as negociações no sentido de atender ao direito palestino de autodeterminação, o presidente palestino Mahmud Abbas vem alertando que recorrerá a cortes internacionais para questionar juridicamente a ocupação.

A Cisjordânia foi ocupada por Israel, assim como a Faixa de Gaza e a Jerusalém Árabe, na Guerra dos Seis Dias, há mais de meio século, em 1967.

A ONU vem solicitando reiteradamente a retirada israelense de todos os territórios palestinos desde então ocupados. Em diversas ocasiões foram abertas negociações neste sentido, sendo a última rodada suspensa em 2014.

Os maiores avanços no sentido de estabelecer um fim à ocupação ocorreram nos Acordos de Oslo, firmados por Arafat e Itzhaq Rabin, este último assassinado pouco depois da assinatura dos acordos e já com tropas israelenses iniciando a retirada de territórios palestinos na Cisjordânia. Israel também se retirou da Faixa de Gaza mas mantém sobre esta região um cerco permanente impedindo o livre acesso palestino seja por terra, mar e ar.

A votação favorável à requisição foi aprovada por 98 países, com 52 abstenções e 17 votos em contrário, segundo celebrou o ministro Palestino do Exterior, Riyad al-Maliki.

ISRAEL DEVE RESPONDER POR CRIMES

Al-Maliki saudou a decisão do organismo da ONU considerando-a um “grande avanço legal e diplomático” que deve “abrir uma nova era para fazer Israel responder legalmente por seus crimes de guerra”.

O embaixador israelense, Gilad Erdan, respondeu cinicamente tentando responsabilizar os palestinos por tomarem a iniciativa após mais de cinquenta anos e que estes estariam “dizimando quaisquer chances de reconciliação”.

Erdan prosseguiu culpando as vítimas pelos crimes da ocupação israelense ao afirmar que são os palestinos que “rejeitam toda e qualquer iniciativa de paz”.

O representante norte-americano declarou voto contra seguindo a peroração israelense e dizendo que uma consulta à ICJ “será contraproducente e só levará as partes ainda mais longe do objetivo que todos compartilhamos de uma Solução de Dois Estados”, como se não fossem os crimes de guerra israelenses durante estes mais de 50 anos, incluindo a construção continuada de assentamentos judaicos em terras palestinas ocupadas e vigiados militarmente por tropas israelenses, os responsáveis por não haver fim ao conflito. Isso sem falar da constante e impune hostilidade dos colonos judaicos contra vizinhos palestinos cercados por um muro denominado de “Muro do Apartheid”, o qual já em 2004 foi declarado ilegal pelo ICJ.

A parceria comercial entre a Rússia e a China nos primeiros três trimestres de 2022 aumentou 33% em termos anuais e alcançou um recorde de US\$ 153,938 bilhões (R\$ 778,51 bilhões). Segundo o encarregado de negócios da China para a Rússia, Sun Weidong, os resultados promissores apontam que “a cooperação financeira, como os pagamentos em moedas nacionais, que estamos atualmente promovendo, facilitará a desdolarização global”.

Conforme a Administração Geral de Alfândegas da China, o país asiático exportou US\$ 59,596 bilhões (R\$ 301,39 bilhões) em mercadorias para a Rússia nestes três primeiros trimestres, superando em 12,8% os nove primeiros meses do ano passado, enquanto os transportes da Rússia para o parceiro aumentaram em 49,9%, totalizando US\$ 94,342 bilhões (R\$ 477,12 bilhões).

De acordo com os dirigentes russos e chineses, a meta é duplicar o comércio entre os dois países, para aumentar a parceria e superar os US\$ 200 bilhões (R\$ 1,01 trilhão) a partir de 2023.

Após dialogarem no mês de fevereiro em Pequim, os presidentes da China, Xi Jinping, e da

200 mil ocupam as ruas centrais de Madri em defesa da saúde pública



Oscar Del Pozo/AFP

Multidão luta o centro da capital espanhola contra precarização da saúde

Alemães se manifestam contra a disparada nas tarifas de gás

Manifestantes voltaram a tomar as ruas da capital, Berlim, e das principais cidades alemãs para exigir o fim da política de arrocho salarial e de reajustes indiscriminados no gás, na eletricidade e na inflação implementados pelo governo.

Em Berlim, milhares de pessoas se concentraram em frente ao prédio da Prefeitura – o chamado Palácio Vermelho – levantando faixas e entoando palavras de ordem pelo aumento salarial, e pela imposição de freios aos abusivos valores cobrados pelo aluguel, aquecimento a gás, eletricidade, transporte público e alimentos.

Convocados por partidos de esquerda, movimentos sociais e ecologistas, os alemães defenderam “redistribuição de renda”, por meio de impostos adicionais aos que ganham mais e, principalmente, com taxaço às grandes corporações.

Submisso à política externa de Washington, o governo alemão vem afundando o país numa crise energética devido aos altos preços do gás, após a carência de gás russo.

Diante do agravamento desse cenário, Berlim anunciou um plano emergencial de US\$ 200 bilhões na tentativa apoiar as indústrias e o consumo doméstico de energia, buscando minimizar os impactos altamente negativos causados pelo fechamento do Nord Stream que trazia o gás da Rússia e que foi alvo de sabotagem pelos EUA.

Nas últimas semanas somaram-se ao movimento “Umverteilen” (Redistribuição) organizações contra as mudanças climáticas, assim como associações contra a especulação imobiliária e movimentos nas regiões mais afetadas pelo aumento dos preços dos imóveis.

Um de cada dois alemães pesquisados teme não ter dinheiro suficiente para pagar os custos de combustível necessários para resistir ao forte inverno que se aproxima, revelou um estudo publicado pelo jornal ‘Bild’, na segunda-feira (07).

A pesquisa identificou ainda que 62% dos alemães estão insatisfeitos com o trabalho do chanceler Olaf Scholz e sua coalizão, considerando que as medidas adotadas pelo governo desde que ele assumiu o cargo em dezembro não serão suficientes para conter a crise energética no país europeu, derivada das sanções que a União Europeia impôs ao fornecimento de combustíveis russos no âmbito do conflito entre Moscou e Ucrânia desde fevereiro.

28% dos alemães consultados declararam que, com certeza, não poderão continuar pagando suas contas de energia nos próximos meses, enquanto pelo menos 20% temem perder seus empregos devido ao impacto da crise energética.

Diante desse cenário, Berlim anunciou um plano de 200 bilhões de dólares para apoiar as indústrias e o consumo doméstico de energia, buscando mitigar os altos custos.

Vários empresários que participaram em um painel realizado durante a Exposição e Conferência Internacional de



Milhares participaram do protesto em Berlim

Carregando faixas com mensagens como “Chega de esmola”, “Aposentadoria decente agora”, “Quase três anos de governo e nem um único lar para aposentados” e “Continuidade do Sistema de Assistência Pública”, milhares de pessoas convocadas pela Organização Nacional de Associações de Aposentados e Pensionistas do Uruguai (ONAJPU) saíram às ruas de Montevideu, na quinta-feira (10), exigindo aumento nos benefícios e rejeitando a ausência do Estado.

“A ONAJPU manifestou-se pela vida porque aposentados e pensionistas, idosos, temos a qualidade de vida deteriorada com a perda do poder aquisitivo e a de outros direitos que estão caindo no esquecimento”, assinalou Estela Ovelar, presidente da entidade.

Sobre a falta de políticas públicas voltadas para os idosos, Estela explicou que os aposentados hoje, quando vão buscar remédios “têm que escolher qual tomar porque o dinheiro não dá. Não podemos chegar ao final do mês com uma pensão de 15.760 pesos (R\$ 2.080). As pessoas estão passando por necessidades. Através de nossas organizações afiliadas viajamos por todo o país e há um grande número de aposentados que, realmente, não estão conseguindo satisfazer suas necessidades básicas, nossos aposentados e pensionistas que ganham o mínimo não estão conseguindo comer”.

A Plenária Intersindical dos Trabalhadores – Convenção Nacional dos Trabalhadores (PIT-CNT), central sindical única do país, confirmou que no Uruguai “há fome, há desemprego, há perda salarial, há perda de qualidade de vida”.

O presidente do PIT-CNT, Marcelo Abdala, afirmou que

A manifestação que ocupou as avenidas centrais de Madri denuncia um modelo que visa privatizar os serviços básicos

A marcha que tomou o centro de Madri no domingo (13), uma das mais massivas dos últimos anos, tornou-se um repúdio público à gestão da atual dirigente da Comunidade de Madri, Isabel Díaz Ayuso, por sua gestão na saúde e pelos cortes que realiza.

O protesto aconteceu pouco antes de uma greve anunciada por pelo menos cinco mil médicos para 21 de novembro, condenando “a sobrecarga de trabalho, a lista interminável de consultas médicas e o tempo insuficiente gasto com os pacientes”. Um dos coordenadores do protesto, o profissional de saúde Luis Lopez, diz que está começando uma luta para manter as pessoas na profissão.

A Associação de Médicos e Graduados de Madri (AMYTS) afirmou que os serviços de atenção primária à saúde na área de Madri estão sob enorme pressão há anos, devido à escassez de recursos e de funcionários que, por sua vez, é resultado das medidas de arrocho impostas durante a crise financeira do país há uma década.

Os sindicatos de médicos, enfermeiros, funcionários administrativos do sistema público de saúde da capital espanhola e associações de moradores começaram a se mobilizar há alguns meses, quando foi ativado o novo plano de “atenção primária”, cujo objetivo é manter e melhorar os centros clínicos de bairro como o primeiro encontro com o paciente, incluindo serviços de emergência. O problema é que após o colapso do sistema de saúde como resultado da pandemia de Covid-19 aumentou a saturação dos hospitais e o crescimento das listas de espera para intervenções cirúrgicas, exames médicos e análises. E, o mais grave, cresceu a dificuldade de encontrar médicos ou pessoal de saúde para contratar, especialmente porque há

algun tempo há uma fuga massiva de profissionais para outros países onde os salários são melhores, como o Reino Unido, Alemanha e França.

A isso tudo se soma a aceleração inflacionária a corroer os salários, situação agravada desde a adesão espanhola às sanções impostas à Rússia o que incidiu nos preços de energia cobrados aos consumidores do país e de toda a União Europeia.

Além de mais investimentos em saúde, os manifestantes também exigem a renúncia da chefe de governo regional de Madri, Isabel Díaz Ayuso, do reacionário Partido Popular. “Ayuso: privatizar é roubar”, estava escrito em muitas faixas carregadas na marcha.

A União Geral dos Trabalhadores (UGT), a Confederação Geral do Trabalho (CGT) e todas as organizações que convocaram a manifestação, às quais se juntaram também os principais partidos de centro e de esquerda, e o próprio presidente, o socialista Pedro Sánchez, lançaram uma mensagem de repúdio face ao que chamaram de “ataque sem precedentes” à saúde pública.

No manifesto, as entidades apontaram que a gestão de saúde da capital “fortalece o modelo de colaboração público-privada que supõe que por cada dois euros orçados para a saúde pública em Madri, um acaba nos bolsos privados”. E criticaram que a Comunidade de Madri, sendo a região mais rica do país, “é a que menos investe dinheiro em cuidados primários, a que gasta menos dinheiro por habitante e a que tem menos centros de saúde por 100.000 habitantes”.

Em maio próximo haverá eleições regionais e municipais em Madri, onde os neoliberais têm uma grande maioria. Essas mobilizações são um passo importante, segundo declarações do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), para vencer a direita, que governa a região há mais de 20 anos.

Carregando faixas com mensagens como “Chega de esmola”, “Aposentadoria decente agora”, “Quase três anos de governo e nem um único lar para aposentados” e “Continuidade do Sistema de Assistência Pública”, milhares de pessoas convocadas pela Organização Nacional de Associações de Aposentados e Pensionistas do Uruguai (ONAJPU) saíram às ruas de Montevideu, na quinta-feira (10), exigindo aumento nos benefícios e rejeitando a ausência do Estado.

“A ONAJPU manifestou-se pela vida porque aposentados e pensionistas, idosos, temos a qualidade de vida deteriorada com a perda do poder aquisitivo e a de outros direitos que estão caindo no esquecimento”, assinalou Estela Ovelar, presidente da entidade.

Sobre a falta de políticas públicas voltadas para os idosos, Estela explicou que os aposentados hoje, quando vão buscar remédios “têm que escolher qual tomar porque o dinheiro não dá. Não podemos chegar ao final do mês com uma pensão de 15.760 pesos (R\$ 2.080). As pessoas estão passando por necessidades. Através de nossas organizações afiliadas viajamos por todo o país e há um grande número de aposentados que, realmente, não estão conseguindo satisfazer suas necessidades básicas, nossos aposentados e pensionistas que ganham o mínimo não estão conseguindo comer”.

A Plenária Intersindical dos Trabalhadores – Convenção Nacional dos Trabalhadores (PIT-CNT), central sindical única do país, confirmou que no Uruguai “há fome, há desemprego, há perda salarial, há perda de qualidade de vida”.

O presidente do PIT-CNT, Marcelo Abdala, afirmou que

Trabalhadores uruguaios rejeitam cortes do governo às aposentadorias

“o governo parece não ter uma visão abrangente das necessidades do nosso povo e, por desconhecimento, não só reduz e não respeita os nossos direitos, como também nos ataca”. A esse respeito, denunciou o projeto de reforma da Lei da Segurança Social, enviado na semana anterior pelo presidente Luis Lacalle Pou ao Parlamento, registrando que aumenta a idade mínima de aposentadoria para vastos sectores laborais e diminui as pensões.

Enrique Méndez, chefe de Organização do PIT-CNT, destacou que “os setores mais vulneráveis do país vêm sofrendo um tremendo ajuste; estamos diante de uma diminuição do papel do Estado e de cortes de orçamento na habitação, saúde, educação, entre outras áreas sensíveis para a população. Pretende-se impor reformas unilaterais nesses setores, mudanças que pretendem ignorar a negociação coletiva e como se isso não bastasse, agora tentam mudar a previdência”.

De acordo com informações locais, as futuras pensões no Uruguai ficarão entre 10% e 38% mais baixas se o Projeto de Reforma da Previdência Social proposto pelo governo de Lacalle Pou for aprovado.

No modelo vigente no país são descontados 15% de impostos previdenciários do salário dos trabalhadores, enquanto os patrões pagam apenas uma parcela de 7,5%.

Sob o lema “Não roubem meu futuro, contra a reforma previdenciária e o modelo da desigualdade”, no dia 15 de novembro o PIT-CNT convocou uma greve geral das 9h às 13h. Os manifestantes se concentraram na Universidade da República em Montevideu e foram até o Palácio Legislativo.



Xie Zhenhua representa a China na COP 27

ECOP 27: China apoia fundo de reparações climáticas para países em desenvolvimento

A China apoia a demanda dos países em desenvolvimento, especialmente os vulneráveis, por fundos dos países ricos para perdas e danos em relação aos impactos das mudanças climáticas, disse o enviado especial da China à Conferência das Partes (COP27) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), Xie Zhenhua, que está representando o presidente Xi Jinping.

A COP 27 coincide com o 30º aniversário da UNFCCC, e com a entrada do Acordo de Paris na fase de implementação total.

Depois de quatro anos de obscurantismo, devastação ambiental e recorde de incêndios florestais sob o governo Bolsonaro, a volta do Brasil aos esforços internacionais para conter a crise climática é aguardada com ansiedade pela comunidade internacional, com a presença do presidente eleito Lula no próximo dia 14.

A conferência ocorre em Sharm El Sheik, no Egito, com a presença de representantes governamentais, entidades e ativistas do mundo inteiro, e irá até 18 de novembro.

Uma das questões centrais em debate é a exigência, de parte dos países em desenvolvimento, particularmente os vulneráveis, de que os países desenvolvidos arquem com sua justa parte na resolução dos problemas que já estão sendo trazidos pelos assim chamados ‘eventos climáticos extremos’, as “perdas e danos”.

“Vendo o sofrimento de outros países em desenvolvimento, estamos plenamente conscientes de seus sentimentos e apoiamos suas demandas”, afirmou Xie, que instou os países desenvolvidos a cumprir suas promessas feitas na Conferência de Mudanças Climáticas de Copenhague há mais de uma década de fornecer US\$ 100 bilhões anualmente aos países em desenvolvimento.

“Faz 13 anos desde que os países desenvolvidos prometeram US\$ 100 bilhões anualmente na conferência de Copenhague em 2009, mas não cumpriram até agora”, disse o enviado climático chinês.

A China espera que “os países desenvolvidos cumpram sua promessa de fornecer US\$ 100 bilhões o mais rápido possível e desenhem um roteiro para dobrar o financiamento de adaptação para aumentar a confiança mútua e a ação conjunta entre o Norte e o Sul”, acrescentou.

Xie destacou que a solução para a questão das perdas e danos é clara, ou seja, o princípio das “responsabilidades comuns, mas diferenciadas” estabelecido pela UNFCCC, o Acordo de Paris e o Protocolo de Kyoto, todos baseados em pesquisas científicas e responsabilidades históricas.

Para Xie, o multilateralismo, a solidariedade e a cooperação continuam sendo a única saída para os graves desafios colocados pelos frequentes eventos climáticos extremos que causaram grandes perdas em todos os continentes e pelo surgimento de crises energéticas e alimentares este ano.

O enviado do presidente Xi disse ainda que, com a recente conclusão bem-sucedida do 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China (PCC), a determinação da China em seguir o caminho do desenvolvimento verde foi ainda mais fortalecida. “A firme determinação e posição da China de implementar as metas de atingir o pico de carbono e alcançar a neutralização de carbono, e de participar ativamente da governança climática global, nunca mudarão”.

“Estamos dispostos a trabalhar com todas as partes para aderir ao multilateralismo, construir um sistema de governança climática global justo e razoável com cooperação ganha-ganha e contribuir mais para enfrentar os desafios impostos pelas mudanças climáticas globais”, acrescentou.

O enviado chinês também pediu aos países desenvolvidos que implementem integralmente o Acordo de Paris, em vez de descartá-lo. “O que vamos fazer aqui não é renegociar o Acordo de Paris, mas converter a promessa em ação e produzir resultados sólidos.” Xie também expôs na COP 27 o progresso da China na transição energética, controle de emissões de metano e comércio de carbono.

Na COP anterior, em Glasgow, a questão do novo fundo para financiamento das perdas e danos acabou ficando de fora, devido às pressões especialmente de Washington e Bruxelas. Um estudo de 2020 da conceituada revista The Lancet revelou que em 2015, o Norte global era responsável por 92% do excesso de emissões mundiais de carbono desde 1850, quando o uso de combustíveis fósseis se tornou norma.

O presidente da COP27 e ministro das Relações Exteriores do Egito, Sameh Shoukry, manifestou seu apoio à criação do fundo de reparações pago pelos países ricos e poluentes. “A inclusão deste ponto na ordem do dia reflete um sentimento de solidariedade e de empatia pelo sofrimento das vítimas das catástrofes climáticas”.

Ele também apresentou a “Agenda de Adaptação de Sharm-El-Sheikh”, que considerou um “passo crítico” para enfrentamento da questão da crise climática. “A presidência da COP27 há muito articulou nosso compromisso de reunir atores estatais e não estatais para progredir na adaptação e resiliência para os 4 bilhões de pessoas que vivem nas regiões mais vulneráveis ao clima até 2030”.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

(Bill Clark/AP)



Vitória de Catherine Cortez em Nevada dá maioria aos democratas no Senado

Trabalhadores gregos fazem greve geral e atos contra arrocho salarial

Os trabalhadores gregos atenderam à convocação das principais centrais sindicais do país e fizeram greve geral de 24 horas, além de marchas contra a inflação acelerada e arrocho salarial, nesta quarta-feira (9).

A marcha reuniu milhares na capital Atenas e em diversas outras cidades do país, entre elas a portuária Tessalônica.

As principais reivindicações apresentadas pelas centrais são aumento do salário mínimo e das pensões, além da restauração do sistema de negociação coletiva e a contenção da espiral inflacionária.

As centrais sindicais, entre as que se encontram a Central de Trabalhadores da Grécia (PAME) e a Confederação Geral dos Trabalhadores Gregos (GSEE), que representam milhões de trabalhadores, convocaram a greve de 24 horas e afirmaram que os trabalhadores continuarão nas ruas enquanto o governo não negociar e levar em conta suas reivindicações.

Além dos trabalhadores do transporte público, aderiram à greve funcionários dos meios de comunicação, bem como trabalhadores da administração local, professores, marinheiros, funcionários da principal companhia aérea grega, a Aegean Airlines e também sua subsidiária Olympic Air.

Unificadamente, os sindi-



Trabalhadores gregos ocupam o centro de Atenas

catos pedem salário mínimo de 825 euros no setor privado e mais 20% no setor público, preços mais baixos da energia, abolição de impostos especiais sobre petróleo, gasolina, gás natural e eletricidade, bem como a redução dos preços de bens de primeira necessidade como alimentação, vestuário, entre outros, e a não tributação dos rendimentos de até 12.000 euros por ano. Atualmente, o salário mínimo na Grécia é de 713 euros por mês.

A PAME reuniu seus apoiadores perto do Propylaea, na porta da Acrópole, e marcharam para a praça central da capital, Syntagma, diante do pré-

dio do Parlamento grego, exigindo que o governo “rejeite as políticas antipopulares que criam pobreza, fome, exploração e guerra, que deixam as pessoas no frio para aquecer os lucros dos empresários”.

O Comitê Executivo da Confederação dos Sindicatos dos Funcionários Públicos (ADEDY) exige um aumento imediato dos salários dos servidores. Durante 12 anos, os trabalhadores do setor público não só não receberam aumento salarial, como sofreram cortes de até 40% e cancelamento do 13º, denuncia o comunicado a sindical da Grécia.



Fomentador do conflito na Ucrânia, Biden revela sinais de confusão mental

Cerca de 70% dos eleitores não querem reeleição de Joe Biden, aponta pesquisa

A pesquisa de boca de urna do instituto Edison Research, encomendada pela CNN, mostra que mais de 7 em cada 10 eleitores independentes e cerca de 9 em cada 10 eleitores republicanos não querem que Biden seja um dos candidatos à Casa Branca. Entre os eleitores democratas, menos de 6 em cada 10 acham que ele deveria voltar a disputar a presidência.

Os eleitores independentes são cerca de um quarto do eleitorado, enquanto democratas

são cerca de um terço e republicanos são pouco mais de um terço. Os norte-americanos foram às urnas na última terça-feira (8) para definir as 435 cadeiras da Câmara de Representantes, um terço do Senado e 36 governadores.

Já em relação ao ex-presidente Donald Trump, a pesquisa revela que dois terços dos eleitores independentes e 9 em cada 10

democratas não têm uma visão favorável ao bilionário. Entre os eleitores republicanos, a aprovação a que Trump volte a ocupar a Casa Branca é de 75%.

Biden disse reiteradamente ter a “intenção” de disputar a reeleição em 2024, enquanto Trump vem acenando com uma nova candidatura e até já programou para 15 de novembro um “grande anúncio” aos norte-americanos.

‘Guerra cultural’ de Trump fracassa e democratas mantêm o Senado

Cantilena dos trumpistas sobre fraude eleitoral não trouxe a propalada onda de votos e os democratas têm agora 50 senadores contra 49 republicanos, sendo que há uma cadeira ainda em disputa

Com a inestimável colaboração de Donald Trump, que escolheu para candidatos um alentado time de negacionistas e repetidores de seus delírios sobre fraude nas eleições em geral, os democratas viram seu maior temor se desvanecer na sexta-feira (11), quando duas disputas no Senado em apuração, Arizona e Nevada, se definiram favoravelmente.

Foram reeleitos Mark Kelly (Arizona) e Catherine Cortez Masto (Nevada). Com isso, os democratas têm 50 senadores, contra 49 republicanos, sendo que há uma cadeira ainda em disputa.

Nem precisa esperar pelo segundo turno na Geórgia no dia 6 de dezembro, entre o democrata Raphael Warnock e o desafiante republicano, o ex-jogador de futebol americano Herschel Walker.

Na pior hipótese, de volta à situação da primeira parte do mandato de Biden, em que ele, para aprovar qualquer coisa, mesmo tendo apoio da Câmara, no Senado era osso. Tinha de tirar todos os pontos de atrito sem poder contrariar um senador democrata que fosse e ainda precisava apelar para uma artimanha regimental,

para a vice Kamala Harris, que no sistema dos EUA é quem preside o Senado, dar o voto de minerva. O resultado dessa arrumação, como se sabe, não foi propriamente brilhante.

Agora, a vitória no Senado significa para Biden, que ele arrumou um guarda-chuva diante das ameaças do trumpismo de abrir um processo de impeachment contra ele. Também traz alívio quanto à nomeação de novos juízes, numa Suprema Corte tão enviesada para a extrema-direita.

O efeito colateral é que a insistência de Trump na ‘guerra cultural’ começa a se desgastar nas hostes republicanas, o governador reeleito da Flórida já não evita ocultar sua percepção de que ‘chegou a hora dele’, quando, antes do fiasco da ‘onda vermelha’ [a cor dos republicanos], Trump virtualmente mandava e desmandava no partido.

Já a interminável contagem dos votos de papel para definir de vez a Câmara de deputados continua, naquela bagunça que é a eleição nos EUA, com os republicanos mais perto da vitória, por 212 – precisam chegar a 218 –, contra 204 dos democratas até o momento.

Greve por aumento dos salários paralisa metrô de Paris e Correios

Exigindo melhores salários para enfrentar a queda do poder aquisitivo devido à forte inflação e condições de trabalho dignas, as principais centrais sindicais francesas convocaram uma paralisação geral dos transportes, da educação, da saúde e dos correios em todo o país, nesta quinta-feira (10), com cinco linhas do metrô de Paris fechadas e muitas outras com o tráfego reduzido.

Os trabalhadores da empresa RATP, que administra os transportes públicos em Paris, pedem um aumento dos salários, assim como o número de trabalhadores. O fato do antigo primeiro-ministro francês, Jean Castex, ter assumido funções à frente dessa empresa pública não ajudou as negociações, denunciou a Confederação Geral do Trabalho (CGT). Cerca de 12 milhões de pessoas deslocam-se diariamente na região parisiense através dos transportes públicos e não recebem um mínimo de conforto, afirmam os sindicatos.

A CGT, uma das maiores centrais sindicais do país, reivindica a indexação dos salários à inflação, algo que acontecia na França até 1983, e que o salário mínimo aumente para 2.000 euros brutos.

Estas paralisações nos transportes públicos estenderam-se a Nice, Estrasburgo e outras cidades francesas, onde o aumento do custo de vida se faz sentir especialmente desde o início das sanções infligidas à Rússia e que acarretaram o estouro da inflação do gás, combustíveis, energia e alimentos.

Os líderes sindicais também aumentaram a pressão sobre o presidente Emmanuel Macron enquanto ele se prepara para rever uma controversa reforma previdenciária que adiaria a idade oficial de aposentadoria de 62 para 64 ou 65 anos. O governo havia deixado essa revisão em compasso de espera por conta do surto de COVID-19.

Quanto aos outros setores, postos de saúde foram fechados, com atendimento só aos casos urgentes,

escolas sem aulas, muitas cantinas escolares não funcionaram, assim como as atividades de tempos livres nas escolas públicas, que permitem aos pais franceses irem buscar os filhos mais tarde.

GREVE NA A BÉLGICA

Os sindicatos belgas realizaram uma greve nacional, na quarta-feira (9), para proteger o poder aquisitivo dos salários, com suspensão do serviço ferroviário e supermercados fechados. No principal aeroporto da capital, Bruxelas-Zaventem, 60% dos voos previstos foram cancelados por falta de pessoal nas plataformas operacionais.

Enquanto isso, o aeroporto de Charleroi (principal núcleo da companhia Ryanair no continente europeu) permaneceu fechado, com todas as suas decolagens canceladas. Em Bruxelas, apenas 25% do serviço ferroviário funcionou na quarta-feira.

A greve nacional foi convocada pela maior confederação sindical do país, a Federação Geral do Trabalho da Bélgica (FGTB), com o apoio da Confederação dos Sindicatos Cristãos (CSC) e da entidade dos servidores públicos CGSP.

Ao portal de notícias Euronews, o diretor da FGTB, Eric Buyssens, afirmou que o mote da greve é exigir do governo medidas concretas para aliviar “o choque da alta das contas de energia”.

Sob o bumerangue das sanções contra a Rússia, a inflação na zona do euro atingiu em outubro novo recorde de 10,7%, impulsionado pela alta de 41,9% nos preços de energia e de 13,1% nos alimentos – e o governo belga tem sido um dos mais omissois diante desse quadro.

“Nosso governo está se escondendo atrás das instituições europeias e nada se move”, assinalou a dirigente sindical Murielle Di Martinelli, pedindo a regulação estatal dos preços da energia para restaurar um “nível mínimo de conforto” para os belgas.

Leia mais no site do HP

Anti-imperialismo reaproxima a Rússia do socialismo - (2)

Continuação da edição anterior

O ódio ao regime socialista por parte do imperialismo só fez se intensificar diante do sucesso extraordinário da economia soviética, principalmente após a crise de 1929. Foi nesta época que os monopólios e o capital financeiro gestaram, financiaram e armaram a besta-fera nazista como ponta de lança para destruir o socialismo. O fracasso desta empreitada e o prestígio adquirido pelo país do socialismo, por ter derrotado a máquina de guerra mais poderosa do mundo até então, fez surgir a guerra fria

SÉRGIO CRUZ*

O que está na ordem do dia para ser desvendado é saber se a URSS caiu porque o modelo foi “ossificado nos dogmas da teoria dos anos 30 e 40”, como afirma Voronin, ou se houve, na verdade, um desvio do caminho da construção socialista, como advogam Valentin Katasonov e Tatiana Khabarova. Saber se a crise foi provocada pelas insuficiências dos que quiseram “apressar” a implantação do socialismo ou se ela foi provocada pela quebra ideológica e as mudanças pró-capitalistas impostas pelas forças que tomaram o poder e atacaram o socialismo.

Debater esta questão é decisivo e é o objetivo central deste nosso esforço.

Voltamos, então, aos argumentos de Yury Voronin, que defende a primeira tese, a de que os problemas surgiram com a política de Stalin.

Diz ele: “Não há dúvida de que o socialismo soviético, no quadro do sistema mundial, formou uma nova civilização. Elevou significativamente a indústria, a cultura e a qualidade de vida na União Soviética, realizou a modernização, a industrialização em massa e a revolução cultural, garantindo assim a criação de forças produtivas suficientemente poderosas que permitiram ao povo soviético vencer durante a Grande Guerra Patriótica, alcançar um sucesso significativo em energia nuclear e pesquisa espacial.

“O socialismo soviético venceu não apenas na Rússia, mas também teve um impacto positivo na modernização do capitalismo. Assim, a Grande Depressão nos Estados Unidos levou Roosevelt a emprestar a experiência soviética na gestão da economia, os métodos soviéticos de concentração da gestão – a formação de uma economia de mobilização. Foi o socialismo soviético que forçou o capitalismo a se curvar à justiça social, forçou-o a compartilhar o capital com seus povos.

ÓDIO DO IMPERIALISMO

O deputado reconhece todos esses avanços do socialismo, mas pondera que essa necessidade vital do campo capitalista de compartilhar algumas ideias do socialismo levou ao “ódio dos apologistas do capitalismo pelo socialismo e eles não pouparam dinheiro para o colapso da URSS e do campo socialista”.

Neste ponto, o autor tem toda razão. O ódio ao regime socialista por parte do imperialismo só fez se intensificar diante do sucesso extraordinário da economia soviética, principalmente após a crise de 1929. Foi nesta época que os monopólios e o capital financeiro gestaram, financiaram e armaram a besta-fera nazista como ponta de lança para destruir o socialismo.



O fracasso desta empreitada e o prestígio adquirido pelo país do socialismo, por ter derrotado a máquina de guerra mais poderosa do mundo até então, fez surgir a guerra fria. Esta, já hegemonizada pelos monopólios norte-americanos, surge com ogivas nucleares e disposta a chantagear o mundo. Esta condição, sem dúvida, contribuiu para aprofundar a defensiva e o esmagamento dos sucessores de Stalin.

Mas, voltemos aos argumentos de Yury Voronin:

“Ao mesmo tempo, a ossificação da ideologia não resistiu à concorrência direta com o sistema do capitalismo de mercado. Não há dúvida de que o soviético estava orgulhoso das grandes conquistas do socialismo. No entanto, se um cidadão comum da URSS de repente fosse para o exterior, como as pessoas dizem, seus olhos brilhavam pela abundância de produtos e bens para a população, quando visitavam complexos comerciais”, disse ele.

O imperialismo, de fato, não poupou esforços em seu intuito de destruir o socialismo. Mas somente essa decisão não poderia explicar a crise que atingiu a URSS, até porque, ela havia vencido o nazismo e já atingira o equilíbrio nuclear com os novos agressores. A mudança que “minou” a economia soviética também não foi uma simples insuficiência na “concorrência direta com o sistema do capitalismo de mercado”, como diz o autor, mas sim uma capitulação ideológica dos dirigentes que tomaram o poder no país após a morte de Stalin. Até porque, toda essa “abundância” de produtos, apontada pelo autor, foi se restringindo a um número cada vez menor de pessoas, fazendo crescer a miséria e a fome no mundo.

Uma coisa foi o retorno temporário à NEP (Nova Política Econômica), sob a direção dos bolcheviques. Ou as reformas que ocorreram na economia da China na década de 1970, conduzidas firmemente pelo Partido Comunista, e vistas por eles como uma etapa necessária de convívio com o capital no processo de construção do socialismo.

Outra coisa bem diferente é a quebra ideológica da direção do partido, como ocorreu na URSS com Khrushchov e seus seguidores. O que houve ali foi uma rendição à ideologia do inimigo e o início de ataques virulentos contra o socialismo e a história da URSS.

“Na teoria científica”, pros-



segue o parlamentar, “o que é comumente chamado de socialismo é o que Marx, em sua Crítica do Programa de Gotha, chamou de “a primeira ou mais baixa fase da sociedade comunista”. “Marx enfatizou que o socialismo como primeira fase da formação socioeconômica comunista não pode ser considerado como uma etapa de curto prazo desprovida de seu próprio conteúdo socioeconômico. Funciona e desenvolve-se ao longo de uma longa era histórica”, argumentou.

“Baseando-se na metodologia marxista, não é difícil provar que o modo de produção socialista na URSS, baseado na ideologia do socialismo soviético, infelizmente, em muitos aspectos, teve grandes falhas em relação à compreensão marxista do socialismo. O erro teórico fundamental do socialismo soviético foi que a Constituição da URSS, adotada pelo 8º Congresso Extraordinário dos Soviéticos em 5 de dezembro de 1936, proclamava que o socialismo na URSS havia vencido e estava basicamente construído”, observou Voronin.

“O 18º Congresso do PCUS (março de 1939) também registrou que o modo de produção socialista se tornou dominante, que o socialismo na URSS foi basicamente construído e o país entrou em uma nova etapa de desenvolvimento – a conclusão da construção de uma sociedade socialista”, acrescentou.

“A tese da vitória do socialismo na URSS contida na Constituição da URSS de 1936 e no 18º Congresso do PCUS foi superestimada pelas etapas do socialismo e decorreu dos critérios simplificados para completar a construção do socialismo na URSS. Apenas um dos critérios foi levado em conta – o grau de abrangência da propriedade estatal (e mesmo não pública – segundo Marx) dos meios de produção, e este tinha como objetivo fixar o processo de nacionalização do ponto de vista legal”, defendeu o parlamentar.

“Enquanto isso”, observou, “a nacionalização revolucionária da propriedade levou à supressão da atividade econômica de um número significativo de cidadãos. Sabia-se que já naquela década de 1930, como mostram as estatísti-

cas, nos países desenvolvidos do mundo de 40% a 60% do produto nacional bruto (PIB) era produzido por pequenas e médias empresas de forma privada, o que na URSS foi simplesmente esmagado e eliminado”.

CAPITALISMO DECLINANTE

“De acordo com Marx”, prossegue Voronin, “o socialismo não é um sistema especial, mas uma simbiose de dois sistemas sociais: o capitalismo declinante e o comunismo emergente, onde o primeiro se torna gradualmente menos e o segundo – cada vez mais. O socialismo significa a existência de relações mercadorias-dinheiro e uma economia multiestruturada em que o Estado regula as relações de mercado a partir de uma perspectiva social. Em outras palavras, o socialismo permite a existência de propriedade privada média, pequena e até grande, mas o papel principal na economia é desempenhado pelos monopólios estatais, especialmente os estratégicos”.

“A ‘passagem forçada’ e facilitada pelas etapas e fases da construção do socialismo, como foi o caso da União Soviética, tornou-se uma característica defendida por muitos líderes políticos da URSS, líderes do campo socialista”, lembrou o autor.

Esta é, sem dúvida, uma discussão das mais importantes, levantada pelo autor. Se a URSS tinha condições de seguir o curso natural de seu desenvolvimento ante a ameaça de uma invasão pela Alemanha nazista ou não. Ou seja, se ela poderia conviver mais tempo com empresas privadas e iniciar a sua industrialização pelo setor da indústria leveira – mais lucrativa –, como os países capitalistas puderam fazer, mesmo que isso demandasse um tempo maior para a consolidação da indústria soviética, ou teria, diante desse quadro ameaçador, que acelerar o seu processo e inverter as prioridades.

E certo que a iminente ameaça externa obrigou o povo soviético a um esforço hercúleo para construir a sua defesa e vencer o inimigo. O povo soviético tinha consciência da ameaça, mas é importante destacar que o

que o mobilizava era também a defesa das conquistas de seu sistema econômico, social e político, ou seja, a perspectiva da construção do socialismo. Este foi o ideal que, depois da morte de Stalin, foi abandonado, não por falta de promessas dos dirigentes, mas porque as palavras deixaram de ter correspondência nos atos e na realidade da vida.

Stalin já havia previsto em 1931 que o país seria invadido. E, numa entrevista em 29 de janeiro de 1941, ele assinalou que foi precisamente o caráter planificado da economia soviética e a prioridade para a indústria pesada que permitiram assegurar a independência econômica do país, e foi o que viabilizou a vitória sobre os nazistas:

“Se não tivéssemos no nosso país (...) um centro de planificação que assegura a autonomia da economia nacional, a indústria ter-se-ia desenvolvido por uma via completamente diferente. Tudo teria começado pela indústria leveira, e não pela indústria pesada. Nós demos uma volta às leis da economia capitalista, viramos-las de cabeça para baixo. Começamos pela indústria pesada, e não leveira, e vencemos. Sem uma economia planificada isso seria impossível. Afinal, como é que a economia capitalista se desenvolveu? Em todos os países as coisas começaram com a indústria leveira. Por quê? Porque a indústria leveira proporcionava mais lucros. Que interesse tem para capitalistas isolados desenvolver a metalurgia, a siderurgia, a indústria petrolífera, etc.? O que lhes importa é o lucro, e era, sobretudo, a indústria leveira que proporcionava lucros. Nós, pelo contrário, começamos pela indústria pesada, e aqui reside a razão pela qual não somos um apêndice das economias capitalistas. (...) A rentabilidade é uma questão que no nosso país está subordinada à construção, em primeiro lugar, da indústria pesada, a qual exige grandes investimentos por parte do Estado e, naturalmente, não é rentável no período inicial. Se, por exemplo, se entregasse a construção da indústria ao capital – a indústria das farinhas é a que dá maiores lucros, e a seguir ao que parece é a produção de brinquedos – então,

Vladimir Putin na reunião do Valdai Club (Centro de discussões estratégicas com sede em Moscou)

o capital começaria por aqui a construir a indústria”.

Mesmo diante de todas as críticas de Voronin à economia soviética, em meados dos anos 30, segundo Katasonov, a URSS tornou-se o primeiro país da Europa e o segundo no mundo em termos de produção industrial, apenas atrás dos EUA, mas muito à frente da Alemanha, da Grã-Bretanha e da França. Em três quinquênios incompletos foram construídas 364 novas cidades, erguidas e colocadas em funcionamento nove mil grandes empresas, o que é um número colossal: cerca de duas grandes empresas por dia!

O mesmo Katasonov apresenta mais argumentos:

“Naturalmente que a “economia de mobilização” exigiu sacrifícios e a utilização máxima de todos os recursos. No entanto, na véspera da guerra, o nível de vida do povo era substancialmente mais elevado que no arranque do primeiro quinquênio. Todos nos recordamos da conhecida frase de Stalin de que a URSS estava atrasada 50 a 100 anos em relação aos países industrializados e que a história nos concedia uma década para recuperarmos este atraso, em caso contrário seríamos esmagados. Estas palavras, pronunciadas em fevereiro de 1931, são surpreendentes pela sua precisão histórica: a defasagem foi de apenas quatro meses”.

“O segundo período”, prossegue Katasonov, “é o do desenvolvimento econômico na base do modelo que se formou após a II Guerra, em cuja definição Stalin participou ativamente. Por inércia, este modelo econômico continuou a funcionar ao longo de uma série de anos depois da sua morte (até ao momento em que se iniciaram as ‘experiências’ de diversos tipos de Khrushchov). No período de 1951-1960 o Produto Interno Bruto da URSS cresceu duas vezes e meia, a produção industrial mais de três vezes e a produção agrícola cerca de 60 por cento. Se em 1950 o nível de produção industrial da URSS representava 25 por cento em relação aos EUA, em 1960 constituía já 50 por cento. Os EUA davam sinais de nervosismo, dado que estavam a perder definitivamente a competição econômica com a União Soviética”.

CRESCIMENTO DO NÍVEL DE VIDA

Segundo Katasonov, “o nível de vida dos soviéticos crescia ininterruptamente, apesar de o país destinar para o investimento uma parte do PIB muito mais importante do que os EUA e outros países ocidentais”.

Ele explica que “tentar avaliar a economia de Stalin na base dos critérios da ‘economia de mercado’ e nos princípios do liberalismo econômico é um exercício inútil. Estava em curso uma guerra contra a URSS, que por vezes se tornou visível e tangível (a Guerra da Finlândia, Khalkhin Gol, a II Grande Guerra), outras vezes tomou formas implícitas e camufladas. Vencer uma tal guerra observando as regras da ‘economia de mercado’ seria o mesmo que um boxista vencer um combate no ringue com os olhos tapados”.

(*) Jornalista, médico e escritor, redator de política da Hora do Povo, membro do CC do PCdoB e pesquisador da Fundação Maurício Grabois.

Continua na próxima edição